



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SAMUEL COSTA COUTO

**A APROPRIAÇÃO DE ELEMENTOS NÓRDICOS NAS
OBRAS DE J.R.R. TOLKIEN**

Londrina
2020

SAMUEL COSTA COUTO

**A APROPRIAÇÃO DE ELEMENTOS NÓRDICOS NAS
OBRAS DE J.R.R. TOLKIEN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Lukas Gabriel Grzybowski

Londrina
2020

SAMUEL COSTA COUTO

**A APROPRIAÇÃO DE ELEMENTOS NÓRDICOS NAS
OBRAS DE J.R.R. TOLKIEN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de História da Universidade
Estadual de Londrina, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Lukas Gabriel Grzybowski
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dra. Angelita Marques Visalli
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Alfredo dos Santos Oliva
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 17 de janeiro de 2020.

Dedico este trabalho aos meus pais, Vera Lúcia da Costa e Roque Francisco Couto, que desde minha infância me instigaram a leitura.

Agradeço a Deus em primeiro lugar, detentor de todo conhecimento, Àquele que me permitiu realizar esse trabalho.

Agradeço aos meus pais, Vera Lúcia da Costa e Roque Francisco Couto, que me apoiaram quando decidi cursar História, e que sempre foram presentes em todos os momentos. Agradeço a minha amiga Alaína Garcia Margiotti, que muitas vezes me auxiliou nesse trabalho. Não poderia esquecer de agradecer a Prof. Helena Ragusa, que através de suas aulas, me trouxeram segurança para iniciar e escrever esse trabalho.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Lukas Gabriel, por ter aceito e ter tido paciência para me orientar. Suas avaliações, conselhos e aulas, como na optativa “A Europa Setentrional na Idade Média”, em que os textos ministrados foram de suma importância para esse trabalho.

Agradeço aos colegas, professores e aos funcionários da Universidade Estadual de Londrina, que direta ou indiretamente, alavacaram minha experiência universitária, desenvolveram minha maturidade e aguçaram minha crítica e experiência, que eu levarei comigo em minha jornada, não somente profissional, mas para minha vida. O meu muito obrigado.

Podíamos confiar. Deus estava presente em toda a parte. Até nas histórias maravilhosas e nos contos de fadas.

(Elói Leclere)

COUTO, Samuel Costa. **A Apropriação de elementos nórdicos nas obras de J.R.R. Tolkien.** 2020. 72 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

RESUMO

Neste trabalho buscamos analisar de que modo as influências do período medieval, principalmente àquelas provindas da mitologia nórdica estão presentes nas obras “O Silmarillion”; “O Hobbit” e “O Senhor dos Anéis”. Nosso intuito não é resolver o dilema que há entre os estudiosos da literatura tolkieniana, entre elementos do cristianismo e paganismo, mesmo que, numa via média, é muito mais perceptível que a visão do professor de Oxford se mesclam entre esses dois elementos; e nem discordar daquilo que Tolkien informou em suas cartas, de que a obra “O Senhor dos Anéis” é católica. Mas sim lançarmos luzes, de que sua literatura sobre a Terra-média, pode ser compreendida através dos mitos nórdicos escritos durante a Alta Idade Média. Para tanto, contamos com as contribuições trazidas por Michael de Certeau, onde buscamos elucidar como Tolkien compreendeu os elementos provindos do medievo para uma audiência moderna. Não obstante, evidenciamos a trajetória do professor de Oxford, e sua trajetória para a criação de suas obras.

Palavras-chave: O Silmarillion. O Hobbit. O Senhor dos Anéis. J.R.R Tolkien. Idade Média. Mitologia Nórdica. Apropriação.

COUTO, Samuel Costa. **Appropriation of Nordic elements in the works of J.R.R.Tolkien.** 2020. 72 sheets. Course Conclusion Work – State University of Londrina, Londrina, 2020.

ABSTRACT

In this work we seek to analyze how the influences of the medieval period, mainly those coming from the Nordic mythology are present in the works "O Silmarillion"; "The Hobbit" and "The Lord of the Rings". Our aim is not to resolve the dilemma that exists among scholars of Tolkien literature, between elements of christianity and paganism, even though, in a medium way, it is much more noticeable that the Oxford professor's vision is mixed between these two elements; nor disagree with what Tolkien reported in his letters, that the work "The Lord of the Rings" is Catholic. Instead, we shed light, that his literature on Middle-earth, can be understood through the Nordic myths written during the High Middle Ages. To this end, we count on the contributions of brought by Michael de Certeau, where we seek to elucidate how Tolkien understood the elements that came from the medieval to a modern audience. Nevertheless, we highlight the trajectory of the Oxford professor, and his trajectory for the creation of his works.

Key words: The Silmarillion. The Hobbit. The Lord of the Rings. J.R.R Tolkien. Middle Ages. Norse Mythology. Appropriation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A VIDA DE J.R.R.TOLKIEN: DE SEUS PAIS, INFÂNCIA E JUVENTUDE	13
1.1 O Caso Edith.....	18
1.2 Guerra, primeiros escritos e vida acadêmica.....	20
2 A TERRA-MÉDIA, SUAS HISTÓRIAS	23
2.1 O Hobbit.....	23
2.2 O Senhor dos Anéis.....	23
2.3 O Silmarillion.....	26
3 A SITUAÇÃO MEDIEVAL	29
4 A INFLUÊNCIA MEDIEVAL NA LITRATURA DE TOLKIEN	37
5 AS INFLÊNCIAS NÓRDICAS NAS OBRAS DE TOLKIEN	49
5.1 Os Mundos Nórdicos.....	52
5.2 Os Mundos Tolkienianos.....	54
5.3 Aspectos das Habitações da Mitologia Nórdica n'O Silmarillion.....	56
5.4 A Cosmogonia Nórdica.....	56
5.5 A Cosmogonia d'O Silmarillion.....	59
5.6 Conexões Entre as Deidades Nórdicas e Tolkienianas.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

No capítulo “*O Senhor dos Anéis, de Tolkien*”, da obra “*Sobre Histórias*”, C. S. Lewis¹, faz uma resenha instigante sobre a obra que seu amigo Tolkien tinha escrito. Situando a obra em meio a outros clássicos, relatando pequenos detalhes do que os leitores poderiam esperar, bem como respondendo às críticas agudas de certos grupos, Lewis resume como a escrita tolkieniana (podemos estender não somente ao *O Senhor dos Anéis*) pode ser estruturada pelos leitores:

O que mostra que estamos lendo um mito, não uma alegoria, é que não há indicações para uma aplicação especificamente teológica, política ou psicológica. Um mito mostra para cada leitor, para o reino em que ele mora na maior parte do tempo. É uma chave mestra; use-a na porta que você quiser. (LEWIS, 2018, p. 149).

Ao abordamos os assuntos das obras de Tolkien, a saber “o *Hobbit*”, “*O Senhor dos Anéis*” e o “*O Silmarillion*”, podemos lê-los baseada na descrição de Lewis, e assim usando a chave-mestra, situarmos os escritos de Tolkien em um ambiente histórico, que fluiu entre a Idade Média, mais precisamente a Alta Idade Média, e as situações geradas na esfera privada de sua vida, desde sua infância ao limiar da vida adulta, até a velhice.

Mas de qualquer forma, Tolkien instaurou um mito que arrebatou em várias localidades do globo terrestre, pessoas que se sentiam familiarizados com os eventos que se desenrolavam uniformemente em suas obras, não por serem opostos ao mundo real, mas sim por seus personagens instaurarem nos leitores uma nostalgia que há na literatura, que reverbera em eras passadas, cujas as passagens das obras, os personagens remontam a um passado. Assim, “*O Silmarillion*” e “*Contos Inacabados*”, editado e publicados em 1977 e 1980 respectivamente, após a morte do autor, por seu filho Christopher Tolkien, narram os eventos anteriores de “*O Hobbit*” “*O Senhor dos Anéis*” – em que podemos ver várias nuances, de um passado muito bem elaborado, onde vários de seus personagens testificam os atos realizados, e os acontecimentos numa época distante. Como no caso do episódio descrito no capítulo “*Na casa de Tom Bombadil*”² em que Frodo pergunta a Tom Bombadil quem ele era,

¹ Obra lançada em português em 2018, pela editora Thomas Nelson Brasil.

² É certo que, para os estudiosos de Tolkien, Bombadil é uma figura em que se permeia vários debates. Sendo que, mais comumente, e comprovadamente, um espírito, sendo esse personagem parte da cosmogonia da Terra-média.

recebendo a resposta do velho: "Tom Bombadil já estava aqui antes do rio e das árvores; Tom se lembra da primeira gota de chuva e primeiro broto de árvore. (...) antes de o Senhor do Escuro chegar de Fora." (TOLKIEN, 2002, p.182). Vemos também no capítulo, "O Conselho de Elrond", onde Elrond, conclama as memórias de um passado distante, falando "sobre Sauron e dos Anéis de Poder, e de sua forjadura na Segunda Era do mundo, há muito tempo" (TOLKIEN, 2002, p.335), bem como da glória dos dias antigos. Ou no relato de Gandalf, narrando que:

[...] eu mesmo ousei atravessar as portas do Necromante em Dol Guldur, e explorei em segredo suas práticas, e assim descobri que nossos temores eram fundados: ele não era ninguém menos que o próprio Sauron, nosso antigo Inimigo, finalmente, tomando forma e recuperando o poder outra vez." (TOLKIEN, 2002, p.347).

Esses relatos angustiantes que os personagens aludem que ocorrem na narrativa tolkieniana, transmite um ensinamento do passado, que muitas vezes conforme Lewis (2018) em nosso mundo real não é encontrado, pois dificilmente parece estar tão abatido com o passado. As obras de Tolkien ao serem lidas, a leitora e o leitor poderão perceber um compartilhamento de fardos dos personagens e ao terminar de lê-las, ao retornar para o mundo real, é instaurado um sentimento revigorado, fortificado, mas sem distrações.

Assim o objetivo de estudo neste trabalho é contribuir para um debate realizados nos mais variados grupos, entre eles as redes sociais, onde cada vez mais as obras de J. R. R. Tolkien estão sendo divulgadas e conhecidas; porém, sendo cada vez mais necessários trabalhos que desmistifiquem certos sentidos comuns que são divulgados, que muitas vezes são elaboradas e defendidas por alguém não mal intencionado, mas por alguém que está a margem de uma complexidade que está por trás das obras do professor de Oxford. Ciente de que não estamos levantando uma ideia positivista de que há uma única verdade e realidade incontestável, mas apoiado no relato de Lewis, de que podemos apontar nossa chave para as mais variadas portas; e também no relato do próprio autor, de que os leitores são livres para poder conectar os personagens em sua própria experiência, conforme Tolkien, ou para o seu reino conforme Lewis.

Assim abordaremos, juntamente com uma abundância de referências bibliográficas histórica as obras "*O Silmarillion*", escrita por J.R.R. Tolkien, e conforme já aludido, organizada por Christopher Tolkien. A utilização dessa obra se deu nas

duas versões traduzidas para o português; a primeira versão, traduzida por Waldéa Barcellos, e lançada sob selo da editora Martins Fontes; e a segunda versão, a mais recente, traduzida por Reinaldo José Lopes, e lançada pela editora Harper Collins. Assim também, foi utilizada as duas versões em português da obra “*O Hobbit*”, a primeira versão, traduzida por Lenita Maria Rímole Esteves, e publicada pela editora Martins Fontes, e a segunda versão, lançada pela Harper Collins, e traduzido também por Reinaldo José Lopes. Para obra “*O Senhor dos Anéis*”, foi utilizada a versão da trilogia, traduzido por Lenita Maria Rímole Esteves, lançada na época pela editora Martins Fontes.

Portanto, ao que concerne a essas obras, vemos várias características da cultura de povos que habitavam a Europa setentrional durante a Alta Idade Média, que influenciaram Tolkien, visto que ele era um exímio professor de Oxford e um louvável filólogo. Contudo, ao que diz respeito a mitologia nórdica, uma criação da cultura do norte europeu; como é impactado e refletido essa cultura em sua obra, em relação aos Valar e Maiar? Quais são as semelhanças e diferenças? Quais textos o autor se apropriou? São essas questões que devem ser debatidas para sabermos como ele recriou esses personagens tão importantes e por muitas vezes centrais em sua obra.

Assim, o trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo, tratará da vida de Tolkien, iniciando desde a vida de seus pais, ao sofrimento de sua mãe, limiar de sua juventude e casamento, até as guerras e sua vida acadêmica. Pois para o construto de suas obras, todos esses elementos o nutriram de forma diferente, e que, para nos apoiar usamos os textos de seu biógrafo oficial Humpfrey Carpenter, e também, a biografia não oficial de Michael White, bem como, os relatos de Colin Duriez. O segundo capítulo, discorreremos brevemente sobre as obras que servirão como fonte para esse estudo: “*O Hobbit*”; “*O Senhor dos Anéis*” e “*O Silmarillion*”. Os leitores poderão perceber que de fato trata-se alguns pontos principais das obras, e que fica muito evidente na parte d’*O Senhor dos Anéis*, onde alguns episódios foram suprimidos por livre vontade, pois não iriam de modo algum desvirtuar o propósito desse estudo. *O Silmarillion* entra nessa mesma vertente, já que são muitas informações, e em nossa resenha, escolhemos os principais acontecimentos em cada época da história. O capítulo seguinte, vamos nos ater como a Idade Média se apropriou de elementos provindos da Antiguidade Tardia, e criou um modelo sistemático e organizado, que nutriria por séculos autores sucessivos. Portanto, assim verificaremos, no quarto capítulo, como Tolkien realizou suas apropriações, se

equivalendo das realizações que os escritores medievais fizeram. Por fim, o quinto capítulo trará uma abordagem concernente as influências nórdicas em suas obras. Analisaremos como episódios, ambientes e personagens mitológicos, de uma Era Pré-Cristã, se apresentam nos textos tolkieniano, principalmente ao que concerne a obra “*O Silmarillion*”.

Sempre fui fascinado pelo tema fantasia; e desde pequeno fui nutrido por esse tipo de literatura. E a escolha para esse tema, foi moldada aos poucos. Eu tinha uma grande curiosidade de poder entender como as obras fantásticas eram escritas. Em meus pensamentos, a princípio, acreditava que esse tipo de cessão de livros fazia oposição a fé cristã, e que, autores cristãos não conseguiriam realizar tal tarefa. Eu estava enganado. Ao descobrir que C. S. Lewis, criador das *Crônicas de Nárnia*, era um apologista cristão; que Lewis Carroll, criador de *Alice no País das Maravilhas*, era um pastor anglicano, que, J.R.R. Tolkien, criador de “*O Hobbit*” e “*O Senhor dos Anéis*”, era um convicto católico; pude perceber que o cristianismo nunca impediu a realização tal tarefa. Mas como me falta legitimidade teológica, o que posso é me satisfazer em saber que essa dicotomia nunca existiu, e esses autores modernos citados testificam para isso. Portanto, mesmo se realizarmos um estudo que cubra totalmente a extensão dos textos de Tolkien, e conseguíssemos dizer que a obra de nada tem de católica, poderemos estar virando às costas para um período tão cristão como a Idade Média, que soube se valer de elementos cristãos e pagãos e assim como iremos descobrir, soube harmonizar os vários tons em uma única melodia.

1 A VIDA DE J.R.R. TOLKIEN: DE SEUS PAIS, INFÂNCIA E JUVENTUDE

A infância de John Ronald Reuel Tolkien, foi tranquila, naquilo que podemos chamar de quase normal³. Nascido em 1892, em Bloemfontein, no território da atual África do Sul. Filho de Artur Tolkien, um funcionário do capitalismo financeiro⁴ inglês do *Banco de Lloyds*, que vinha de uma família que fora abastada no passado, com os empreendimentos nas fabricações de pianos, que levava o sobrenome Tolkien, que, porém, quando Artur crescia via os negócios de seu pai John Tolkien, recrudescer e falir. Devido a esse contexto Artur entra no mercado de trabalho, optando por trabalhar no banco local. Porém a ascensão a um cargo dentro no Lloyds, em Birmingham, estava lenta. Somente conseguiria uma promoção através de vagas deixadas por seus colegas mortos.

Em 1888, não tendo opções, Arthur Tolkien, aceita o convite para trabalhar no exterior. Segundo Michael White:

O cargo era na distante Bloemfontein, na África do Sul, para trabalhar no Banco da África. (...) o Estado Livre de Orange, cuja capital era Bloemfontein, estava se tornando uma região de mineração, com novas jazidas de ouro e diamante, encorajando investidores europeus e norte-americanos. (WHITE, 2017, p.22).

Ainda antes da mudança radical na vida do jovem ambicioso, e de sua zarpada para a Cidade do Cabo, Artur, tinha se apaixonado por Mabel Suffield e proposto casamento à jovem que tinha então somente dezoito anos de idade. A princípio durante dois anos o pai de Mabel não permitiu o noivado devido à pouca idade de sua filha. Três anos mais tarde, Arthur, contudo, estaria estabelecido na sucursal do Banco da África. Envia então uma carta a sua amada convidando-a, que deixasse as terras nubladas e fosse à ensolarada Bloemfontein, a fim de que logo se casassem.

Num dia de março de 1891 o vapor Roslin Castle deixou o cais na Inglaterra com destino ao Cabo. De pé no convés de popa, acenando para a família, que não voltaria a ver por longo tempo, estava uma jovem esbelta e bonita de vinte e um anos. Mabel Suffield ia para a África do Sul casar-se com Arthur Tolkien. (CARPENTER, 1992, p. 11).

³ WHITE, Michael (2017, p.22)

⁴ CRISTELLI, Paulo. J. R. R. Tolkien e a Crítica à Modernidade

Protestantes como eram, Arthur e Mabel casaram-se na Igreja Anglicana de São Jorge Mártir, a catedral da Cidade do Cabo, em 16 de abril de 1891. Tendo um rápida lua-de-mel na vizinha cidade de Sea Point, para depois fazerem uma viagem de quase mil quilômetros para a capital do Estado Livre de Orange, onde estava o único lar que Mabel e Artur tiveram.

De nova cidade, vizinhança, adequação ao clima e a vida de casado, surge a notícia que ocuparia ainda mais a vida do casal. Em 1881, Mabel descobria que estava grávida. A recepção do primeiro filho foi comemorada pelo casal, e no dia 4 de janeiro de 1892, Arthur Tolkien escrevia entusiasmado à sua mãe, que estava em Birmingham, na Inglaterra:

Tenho boas notícias para a senhora esta semana. Mabel deu-me um lindo filhinho ontem à noite (3 de janeiro). Foi um tanto precoce, mas o bebê está forte e passa bem, e Mabel suportou tudo maravilhosamente. O bebê é (naturalmente) adorável. Tem belas mãos e orelhas (dedos bem longos), cabelos bastante claros, olhos “Tolkien” e uma boca indubitavelmente “Suffield”. No efeito geral, assemelha-se imensamente a uma edição muito bonita da tia, Mabel Mitton. Ontem, quando buscamos O dr. Stollreither pela primeira vez, ele disse que era um alarme falso e mandou a babá para casa por uma quinzena, mas estava enganado, e busquei-o de novo por volta das oito, e então ele ficou até as 12:40, quando tomamos um uísque desejando boa sorte ao menino. O primeiro nome do menino será “John”, como seu avô, provavelmente John Ronald Reuel no total. Mah quer chamá-lo Ronald e eu quero manter John e Reuel... (CARPENTER, 1992, p.13).

O casal Mabel e Arthur batizaram o seu primeiro filho com o nome de John Ronald Reuel Tolkien, sendo chamado Ronald entre os mais íntimos, os pais e parentes, e posteriormente sua esposa. O nome John Ronald, era mais utilizado por amigos mais chegados. Porém, o que o retratou bem foi J. R. R. Tolkien⁵, “(...) essas quatro iniciais talvez tenham vindo a ser a melhor representação do homem.” (CARPENTER, 1992, p.13).

Respeitando a tradição anglicana, J. R. R. Tolkien, foi batizado na catedral de Bloemfontein no dia 31 de janeiro de 1892. Tolkien⁶, teve mais um irmão, nascido no

⁵ Curiosamente, Tolkien ((Meu nome é TOLKIEN (*não -kein*). É um nome alemão (da Saxônia), uma anglicização de *Tollkühn*, i.e. *tollkühn*, escreveria numa carta data do 5 de junho de 1955), em uma carta, dizia que era mais Suffield do que Tolkien, devido à educação que sua mãe lhe dera “Na verdade, sou muito mais um Suffield (...)” (CARPENTER, 2006, p.365), e que não importava com sua descendência, nem quem foram seus parentes no passado; “pois não sou nem “temerário” nem alemão, não importando o que alguns ancestrais distantes possam ter sido. Eles migraram para a Inglaterra há mais de 200 anos, e tornaram-se rapidamente fortemente ingleses” (CARPENTER, TOLKIEN, 2006, p.364-365).

⁶ A partir daqui o sobrenome Tolkien (em sua forma única), será usualmente utilizado para se referir ao criador da obra “O Senhor dos Anéis”, o referido J.R.R. Tolkien.

verão de 1894, que foi batizado de Hilary Arthur Reuel. Diferentemente de seu irmão mais novo, Tolkien não se desenvolveu bem com o clima de Bloemfontein, que ia de um verão quente e cálido a um inverno frio e ventoso. Mabel, mãe dos meninos, estava exausta devido às condições climáticas, e oposto estava seu marido, que em uma carta escreveu a seu pai que não conseguiria se estabelecer mais na Inglaterra, já que tinha se adaptado muito bem ao clima de Bloemfontein. Buscando ares mais frescos, visto que Tolkien só piorava cada vez mais com o calor desértico, Mabel, engendra uma viagem com seus dois filhos, levando-os centenas de quilômetros de seu lar, à costa, perto da Cidade do Cabo. Ao regressar a Bloemfontein, Mabel, consegue persuadir seu marido a ter um tempo para visitar sua família na Inglaterra, visto que já tinham passado seis anos sem os vê-los. Convencido por Mabel, porém receoso com o cargo que ocupava no banco, Arthur não participa da viagem, e contrata uma babá para acompanhar sua mulher e filhos durante o verão sul-africano. Em 1895, Mabel, Tolkien e Hilary, zarpam da Cidade do Cabo, em direção à nublada ilha britânica. Esta seria a última vez que Mabel viria Arthur, e também a última recordação que Tolkien teria de seu pai.⁷

Arthur tinha contraído febre reumática, que a princípio estava tendo uma boa recuperação, mas que se complicou mais adiante com uma séria hemorragia, levando Arthur Tolkien a falecer no dia 15 de fevereiro de 1896, não dando tempo nem para a carta⁸ de Tolkien ser enviada, e muito menos o regresso de Mabel a Bloemfontein, a fim de cuidar de seu marido. Quando a viúva chegou à cidade, encontrou somente o túmulo de seu marido que havia sido enterrado no cemitério anglicano de Bloemfontein, a muitos quilômetros de distância de sua cidade natal.

Mabel retorna à Inglaterra e se vê sozinha com dois filhos para criar e em uma situação financeiramente lastimável, mesmo com os lucros obtidos nas Minas de Bonanza – investimento esse que Arthur fez quando trabalhou no banco sul-africano

⁷ “Ronald observou o pai pintando *A. R. Tolkien* na tampa de um baú da família. Foi a única lembrança nítida que o menino guardou dele.” (CARPENTER, 1992, p.15)

⁸ “Querido Papai / Estou tão contente de voltar para vê-lo faz tanto tempo que nos afastamos do senhor espero que o navio nos leve todos de volta para o senhor Mamãe e o Bebê e eu. Sei que vai ficar muito contente de receber uma carta de seu pequeno Ronald faz tanto tempo que lhe escrevi fiquei um homem grande agora porque tenho um casaco de homem e um colete de homem. Mamãe diz que o senhor não vai reconhecer o Bebê ou a mim ficamos homens grandes temos tantos presentes de Natal para lhe mostrar a tia Gracie veio visitar-nos passeio todos os dias e só ando um pouquinho em meu carrinho de correio. Hilary manda muitas lembranças e beijos e também seu carinhoso.” (CARPENTER, 1992, p.15). A carta que Tolkien ditou para a babá escrever em 14 de fevereiro de 1896, não foi nem enviada, pois um telegrama falando da saúde de Arthur, e que a família deveria esperar pelo pior modificou o cenário.

– que eram muito pequenos, algo em torno de 30⁹ shillings por semana. Nesse cenário, a mãe de Tolkien, pede auxílio aos seus pais, que muito embora lhe socorresse, era tímida a ajuda, visto que nem para eles tinham direito.

Nisso, Tolkien ainda pequeno descobre a paixão pela leitura, tendo o apoio de sua mãe. Mais adiante, outro problema surgiria à mártir – assim chamaria Tolkien sua mãe anos mais tarde, após a morte desta – seu pai a renegaria devido sua à conversão ao catolicismo¹⁰. White, discorre sobre esse momento:

Mesmo que Mabel não pudesse perceber todas as consequências de sua decisão, a conversão significava ainda enfrentar a rejeição absoluta da família. O pai de Mabel, John Suffield, fora criado como um metodista rigoroso e havia se tornado nos últimos anos um seguidor do Unitarismo, corrente de pensamento teológico que afirma a unidade absoluta de Deus. Ele rejeitava a Igreja Católica completamente e adoção de Mabel da religião de Roma o enfureceu tanto que ele se recusou a manter relações com a filha. (WHITE, 2017, p.22).

E essa rejeição de sua família fez com que Mabel deslizesse ainda mais para os braços da fé católica.

Sem o apoio de sua família, Mabel parte para o mercado de trabalho. De tanto trabalhar e por consequências do diabetes que àquela época não tinha tratamento adequado, Mabel falece¹¹ no dia 14 de novembro de 1904, aos trinta e quatro anos, deixando como principal legado a seus filhos uma fé católica que entusiasmava Tolkien:

Minha querida mãe foi de fato uma mártir, e não é a qualquer um que Deus concede um acesso tão fácil às suas grandes dádivas como concedeu a Hilary e a mim, dando-nos uma mãe que se matou de trabalho e preocupação para assegurar que mantivéssemos a fé. (CARPENTER, 1992, p. 26).

⁹ WHITE, (2017, p.28)

¹⁰ Assim como descreve White (2017), não somente Mabel fora rejeitada por seu pai, mas também por sua família. Seu cunhado Walter Inledon não pôde aceitar a conversão da viúva de Arthur a fé romana, e a algum tempo ele enriqueceu-se devido uns investimentos e tornou-se uma figura prestigiada na comunidade anglicana. Com medo de que Mabel pudesse lhe prejudicar, aquela pequena ajuda, quase minguada, cessaria de uma vez. Deixando a família de Tolkien em uma situação pior que aquela que tiveram que enfrentar anteriormente.

¹¹ “Sem que os filhos percebessem, a saúde de Mabel começou a se deteriorar novamente. No início de novembro, ela sucumbiu de um modo que lhes pareceu súbito e aterrador. Entrou em coma diabético e, seis dias depois, em 14 de novembro, tendo ao seu lado o padre Francis e sua irmã, May Inledon, ela morreu.” (CARPENTER, 1997, p. 25)

Tolkien e seu irmão ficaram sob a tutela de um padre jesuíta Francis Morgan¹², algo que Mabel deixou claro em seu testamento.

Após a morte prematura de sua mãe, a fé católica o suprimiu em todos seus aspectos, pois via nela a associação com figura de sua mãe, e Tolkien parece nunca ter conseguido perdoar seus parentes, devido ao tratamento que a família de seus avós maternos e paternos deram à sua mãe, fazendo desencadear nela um sentimento depressivo e pôr fim a doença que a vitimaria. Porém, a morte de sua mãe teve em Tolkien um efeito muito forte para consolidar o seu caráter e a relação com a religião, sobre a qual mais tarde escrevia em uma carta datada de 1963, “Apaixonei-me pelo Santíssimo Sacramento desde o começo – pela misericórdia de Deus nunca me afastei dele outra vez.” (WHITE, 2017, p.40)

Sendo um exímio aluno com destaque para a facilidade em aprender idiomas¹³, via-se interessado pelo inglês de Chaucer¹⁴, e pelo o Inglês Antigo, aprendeu o grego, e cada vez mais o interesse pela língua de seus antepassados o surpreendia¹⁵. Desde cedo o contato com esses textos e literaturas, entre eles o poema *Beowulf*¹⁶ – juntamente com Sir Gawain e o Cavaleiro Verde¹⁷ – fez dele um notável estudante, que inflamariam sua imaginação, e, através de livros de filologia alemã, começava a escrever seu próprio idioma:

Porém, começou a descobrir (...) livros alemães sobre filologia, áridos, mas que poderiam fornecer-lhe respostas às suas perguntas. Filologia: “o amor das palavras”. Pois era isso que o motivava. Não um interesse estéril pelos princípios científicos da linguagem, mas um profundo amor pelo aspecto e pelo som das palavras, nascido já nas primeiras lições de latim que a mãe lhe dera. (CARPENTER, 1997, p.28).

¹² (...) “uma sábia escolha, pois sua generosidade e afeto foram sempre infalíveis.” (CARPENTER, 1992, p. 26)

¹³ “Uma coisa era saber latim, grego, francês e alemão; outra era compreender por que essas línguas eram o que eram. Tolkien começava a procurar os ossos, os elementos comuns a todas as línguas – começava, na verdade, a estudar filologia, a ciência das palavras; e sentiu-se mais encorajado ainda quando travou conhecimento com o anglo-saxão.” (CARPENTER, 1997, p. 28)

¹⁴ “Geoffrey Chaucer (1343-1400), além de escritor, era filósofo, alquimista e astrônomo. Também exerceu cargos civis, mas ficou mais conhecido como Pai da literatura inglesa. Entre suas inúmeras obras que povoam o imaginário medieval, sem dúvida, os *Contos da Cantuária* são os mais conhecidos. Ele defendia o uso da língua inglesa contra a maioria dos autores do seu tempo, que preferiam escrever em latim e francês.” (LEWIS, 2015, p. 28)

¹⁵ Como aponta Duriez (2018) desde sua juventude Tolkien já estava arrodado de assuntos literatos, como podemos ver na criação do T.C.B.S. no verão de 1910, onde Tolkien juntamente com seus amigos, compartilhavam interesses literários, e, bem como é desse momento a criação original do poema de Eärendil – que no início Tolkien chamou-o Earendel.

¹⁶ *Beowulf* escrito em Inglês Antigo conta a história do guerreiro Beowulf e de sua trajetória, enfrentando monstros e sua luta contra o dragão que lhe causaria a morte.

¹⁷ “(...) a história medieval de um cavaleiro arturiano em busca do misterioso gigante que lhe desfecharia uma terrível machadada.” (CARPENTER, 1997, 28)

Tolkien se destaca em anos posteriores. ¹⁸Tendo uma ilustre carreira acadêmica, conseguindo ingressar na Universidade de Oxford, se formando em Letras em 1915, sendo um admirável filólogo. Após isso, se apresentou para combater no exército inglês na Primeira Guerra Mundial, combatendo no 11º batalhão dos fuzileiros de Lancashire como segundo-tenente¹⁹. Tolkien participou em 1916 da Batalha do Somme, contra a ofensiva dos países que compunha os Aliados, ocorrido na França, batalha essa que ficou conhecida pelo grande desperdício de vida, já que nenhum dos lados conseguiram conquistar territórios. Tolkien somente voltaria para Inglaterra, em 1918, depois de perder alguns amigos na guerra de trincheiras, fato que deixaria marcas em sua obra. No prefácio do livro *O Senhor dos Anéis*, Tolkien, explicita bem sobre o terror da guerra que viveu:

Na verdade, é preciso estar pessoalmente sob a sombra da guerra para sentir totalmente sua opressão; mas, conforme os anos passam, parece que fica cada vez mais esquecido o fato de que ser apanhado na juventude por 1914 não foi uma experiência menos terrível do que ficar envolvido com 1939 e os anos seguintes. Em 1918, todos os meus amigos íntimos, com a exceção de um, estavam mortos. (TOLKIEN, 2002 p.26).

É nesse período que começariam a nascer as primeiras escritas de “*O Silmarillion*”, obra essa que foi a nascente para a criação de um ambiente literário, para “*O Hobbit*” e “*O Senhor dos Anéis*”.

1.1 O Caso Edith

Na juventude no auge de seus dezesseis anos, Tolkien, conhece Edith Bratt, aquela que mais tarde viria a ser sua esposa. O começo dessa relação, todavia, foi conturbado, pois o tutor de Tolkien, o rígido padre Francis Morgan, proibiu o namoro,

¹⁸ Trecho adaptado das informações iniciais trazidas na orelha da obra “*O Silmarillion*” de J.R.R. Tolkien.

¹⁹ “Algumas cartas endereçadas a sua futura esposa, Edith Tolkien queixava-se dos árduos treinos: “O tipo usual de manhã para se ficar em pé congelando e depois trotar para se aquecer simplesmente para se congelar uma outra vez. Terminamos com um lançamento de bombas falsas de uma hora. Almoço e tarde enregelante. Repetimos a toda velocidade e transpiração todos os dias quentes de verão, e agora ficamos de pé em grupos gelados ao ar livre ouvindo sermões! Chá e outra disputa renhida – lutei por um lugar perto do fogão e fiz uma torrada na ponta de uma faca: que dias!.” (CARPENTER; TOLKIEN, 2006, p. 11-12).

em virtude da pouca idade. Sendo assim, o rígido padre não proibiu o encontro entre os dois. Tolkien obedece, já que ele o reconhecia como o único pai²⁰ que tivera. Carpenter capta bem o momento:

Mas, uma vez mais, haviam sido vistos juntos. Desta vez, o padre Francis foi bastante claro: Ronald não deveria encontrar-se com Edith ou mesmo escrever-lhe. Poderia vê-la uma vez mais, para despedir-se dela no dia em que partisse para Cheltenham. Depois disso, não deveriam comunicar-se até que ele fizesse vinte e um anos, quando então seu tutor não seria mais responsável por ele. Isto significava uma espera de três anos. Ronald escreveu em seu diário: “Três anos é apavorante. (CARPENTER, 1992, p.33).

E nesse entremeio fora a primeira vez que Tolkien tentava uma bolsa em Oxford e de sua negação pela instituição, e nesse andar, a família de Edith muda-se de cidade. Quando Tolkien chega a idade de vinte e um anos, envia uma correspondência a mulher que estava apaixonado, e descobre que Edith já estava noiva de outro. Porém, ela também amava J. R. R. Tolkien²¹. Sendo assim Edith termina o noivado, e depois de um tempo de namoro, se casa com Tolkien, no ano de 1916, e se converte ao catolicismo. Tolkien e Edith tiveram quatro filhos, um dos quais tornou-se padre, visto a influência do catolicismo na educação que o casal dera a seus filhos.

O escritor, professor, filólogo, J. R. R. Tolkien, faleceu numa manhã de domingo do dia 2 de setembro de 1973. Carpenter nos conta como foi os últimos momentos do professor de Oxford:

O fim foi repentino. Na quinta-feira participou da festa de aniversário da sra. Tolhurst, mas não se sentiu bem e não quis comer muito, se bem que tivesse bebido um pouco de champanhe. Durante a noite sentiu dores, e na manhã seguinte foi levado a um hospital particular onde foi diagnosticada uma úlcera gástrica com hemorragia aguda. Michael estava em férias na Suíça e Christopher na França, e nenhum deles poderia voltar a tempo; John e Priscilla, porém, conseguiram ir para Bournemouth. Inicialmente os relatórios sobre o seu estado foram otimistas, mas, no sábado, manifestou-se uma infecção no peito, e, na manhã de domingo, 2 de setembro de 1973, ele faleceu com oitenta e um anos. (CARPENTER, 1992, p. 175).

Como bem denota Carpenter (1992) para um visitante da qual queira conhecer Oxford, é tranquilo encontrar vários cemitérios no centro da cidade onde tenha

²⁰ DURIEZ, 2018, p. 30

²¹ “Durante o verão de 1909, chegaram à conclusão de que estavam apaixonados.” (CARPENTER, 1997, 31)

túmulos de ilustres figuras, entre as quais um dos grandes amigos de Tolkien, C. S. Lewis – já que ele era protestante, pertencente a Igreja Anglicana – tendo uma humilde lápide encontrada na paróquia em que frequentou durante sua vida. Porém, para encontrar o túmulo de Tolkien, o visitante terá que se afastar do movimento da cidade – já que no centro de Oxford, eles são destinados aos membros da Igreja da Inglaterra²² – e ir em direção a um ambiente suburbano, a um cemitério reservados aos católicos, com predominâncias de nomes poloneses, e lá avistará que:

Diversos túmulos ostentam fotografias esmaltadas dos falecidos e inscrições floreadas. Assim, uma laje cinzenta de granito da Cornualha, bem à esquerda do grupo, destaca-se com nitidez, bem como pela inscrição um tanto curiosa: Edith Mary Tolkien, Lúthien, 1889-1971. John Ronald Reuel Tolkien, Beren, 1892-1973. (CARPENTER, 1992, p. 177).

1.2 Guerra, primeiros escritos e vida acadêmica

Tolkien veio escrever sobre a Terra-média, no mesmo período dos acontecimentos e experiências da Primeira Guerra Mundial, quando inicia os esboços sobre a guerra contra Morgoth, a Saga de Túrin e os textos que viriam dar base para a história de Lúthien e Berén²³, que são encontrados nas suas primeiras anotações na obra do *Livros de Contos Perdidos*²⁴.

No período da Guerra, Tolkien já estava envolvido no meio acadêmico, contribuindo para o Dicionário de Inglês da Universidade de Oxford. Em 1920 tornou-se professor-associado de inglês da Universidade de Leeds, e em conjunto com o professor Eric Valentine Gordon, fundam o Clube Viking, que discutiam textos do Inglês Antigo, poemas islandeses. Em 1925, Tolkien ocupa o cargo de “*Reader*” na Universidade de Oxford. Tolkien também fazia parte do grupo literário Inkling, criado por C. S. Lewis²⁵, autor de “*As Crônicas de Nárnia*”.

²² Igreja Anglicana

²³ Os nomes Luthien e Berén, está gravado no túmulo de Edith e Tolkien. Como está afirmado na última citação de Carpenter (1992), feito por mim.

²⁴ “Book of the Lost Tales”, no original, sem tradução para o português. Não confundir com o “Contos Inacabados” (“Unfinished Tales”), escrito também por J.R.R. Tolkien

²⁵ Clive Staples Lewis, foi amigo e um grande entusiasta dos escritos de Tolkien, foi ele quem primeiro teve contato com “*O Hobbit*” e “*O Senhor dos Anéis*”. O autor de *Nárnia* foi praticamente a única pessoa que Tolkien discutiu sobre “*O Silmarillion*”, e “a quem devia grande parte do encorajamento para não desistir dessa homérica obra” (GREGGERSEN, 2017, p.68) e, Tolkien explicita bem em uma carta do dia 12 de setembro de 1965 da qual “C. S. Lewis foi uma das únicas três pessoas que até agora leram tudo ou uma parte considerável de minha “mitologia” das Primeira e Segunda Eras, que já havia sido construída nas linhas principais antes de nos encontrarmos. Ele possuía a peculiaridade de gostar que

Nesse período que Tolkien estava engendrado nos escritos²⁶ de “*O Hobbit*”²⁷ que levou anos para ser concluído – iniciado em 1920. Como salienta Michel White:

Depois de um tempo, Tolkien está satisfeito por ter avaliado o exame de maneira justa e o coloca na pilha da direita antes de pegar outra pilha da esquerda. Por mais uns poucos minutos, ele lê as primeiras páginas deste novo exame e então, ao virar a folha, se surpreende ao ver diante de si uma página em branco (...). Então, ele volta a atenção para o papel à sua frente e começa a escrever: “Em uma toca no chão vivia um hobbit...”. (WHITE, 2017, p. 13-14).

Esse grupo (Inkling) tinha por objetivo discutir os textos e materiais produzidos pelos seus próprios integrantes, e foram nessas discussões informais que também

lhe lessem as histórias. Tudo o que ele sabia de meu “material” foi o que sua ampla mas não infalível memória guardara de minhas leituras para ele como meu único público. (...) Lewis, creio eu, ficou impressionado com “o Silmarillion e tudo aquilo”, e certamente guardou algumas vagas memórias dele e de seus nomes na cabeça.” (CARPENTE, 1996, p. 598-599). Assim como Lewis apoiava e ajudava Tolkien, ele também foi influenciado pela escrita de seu amigo, e Tolkien sabia disso, ou na melhor das hipóteses suspeitava, e na mesma carta já citada, ele evidencia isso “Por exemplo, uma vez que ele o ouviu antes de compor ou pensar sobre *Out of the Silent Planet* [Além do Planeta Silencioso], imagino que *Eldil* seja um eco dos *Eldar*; em *Perelandra*, “*Tor e Tinidril*” certamente são um eco, visto que *Tuor e Idril*, pais de Eärendil, são personagens principais em “A Queda de Gondolin”, a primeira das lendas da Primeira Era a ser escrita”. Todavia, mesmo Lewis ajudando Tolkien, com suas críticas e resenhas a jornais (Lewis resenhou “*O Hobbit*” antes de seu lançamento a um jornal), o criador da Terra-média era um assíduo crítico da escrita de C.S. Lewis, das cartas publicadas, somente duas tratam desse assunto. Em uma carta endereçada ao amigo David Kloib, datada em 11 de novembro de 1964, Tolkien escreve o seguinte: “É triste que “Narnia” e toda essa parte da obra de C.S.L. deva permanecer fora do alcance de minha simpatia, tanto quanto minha obra estava fora da dele. Além disso, pessoalmente achei *Letters to Malcolm* [“Cartas a Malcolm”] uma obra agonizante e em algumas partes aterradora. Comecei um comentário sobre ela mas, se fosse concluído, seria impublicável.” (CARPENTER, 1994, p.585), nessa parte inicial da carta não conseguimos saber o que levou Tolkien a escrever isso (ou simplesmente um desabafo), mas provavelmente deva ser por seu caráter alegórico religioso. No prefácio de “O Senhor dos Anéis”, Tolkien deixa claro que não gostava de alegorias “(...), mas eu cordialmente desgosto de alegorias em todas as suas manifestações, e sempre foi assim desde que me tornei adulto e perspicaz o suficiente para detectar sua presença. Gosto muito mais de histórias, verdadeiras ou inventadas, com sua aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Acho que muitos confundem “aplicabilidade” com “alegoria”; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor.” (TOLKIEN, 2002, p. XIV). No livro que traça as características do grupo *Inklings*, Humphrey Carpenter (1978) traz a luz uma explicação dos motivos de Tolkien não gostar de “As Crônicas de Nárnia”, era por ter sido escrita às pressas (visto que Tolkien estava embalado escrevendo “O Senhor dos Anéis” quando Lewis lançou Nárnia), sem coerência nas histórias, com vários pontos na narrativa soltos e uma verdadeira mistura de mitos dentro dos textos, desde faunos, ninfas, Papai Noel, etc., dificultando a entrada do leitor ao mundo secundário. Mas é presunçoso demais pensar que essas críticas abalaram a amizade dos dois. Era comum críticas as suas obras, visto as reuniões que participavam em Oxford, onde discutiam e trocavam ideias. A amizade de Lewis e Tolkien é um fator importante, pois ampliou a visão da literatura, na figura de Lewis, e, filologia em Tolkien, bem como criou estruturas a outros campos, como filosofia, história e teologia.

²⁶ Assim como escreve White (2017) Tolkien não tinha ideia de que essa pequena escrita mudaria por completo ele, sua família e o futuro da literatura inglesa. Porém, também aborda Duriez (2018) que desde o começo alguns críticos, entre eles Lewis, sabiam que o “*O Hobbit*” se tornaria um clássico.

²⁷ Colin Duriez (2018) traz a informação de que *O Hobbit* fora publicado 21 de setembro de 1937, com uma tiragem inicial de 1,5 mil exemplares, contendo ilustrações do próprio Tolkien.

houve trocas de ideias entre Tolkien e o autor de Nárnia²⁸. Enquanto fora professor da Universidade de Oxford, Tolkien publicou o ensaio “*Beowulf: os Monstros e os Críticos*”, que era uma coletânea sobre as interpretações do poema *Beowulf*.

As obras de John Ronald Reuel Tolkien são conhecidas mundialmente, desde o lançamento de seu primeiro livro “*O Hobbit*”, em 1937. Tendo essa grande aceitação do público por sua obra, o professor de Oxford, criou outras obras, entre elas “*O Silmarillion*”, que a primeiro momento não foi aceito pelas editoras. Portanto, para preencher essa lacuna, Tolkien deu continuidade ao primeiro livro e lançou entre 1945 e 1955 o livro “*O Senhor dos Anéis*”, que desde sua primeira tiragem obteve sucesso instantâneo. Somente depois da morte de Tolkien, seu filho Christopher²⁹, editou e lançou em 1977 essa obra que explica sobre o universo criado por seu pai.

O Senhor dos Anéis obviamente é uma obra fundamentalmente religiosa e católica; inconscientemente no início, mas conscientemente na revisão. E por isso que não introduzi, ou suprimi, praticamente todas as referências a qualquer coisa como “religião”, a cultos ou práticas, no mundo imaginário. Pois o elemento religioso é absorvido na história e no simbolismo. Contudo, está expresso de modo muito desajeitado e soa mais presunçoso do que percebo. Pois, na realidade, planejei muito pouco conscientemente; e devo mormente ser grato por ter sido criado (desde que eu tinha oito anos) em uma Fé que me nutriu e ensinou todo o pouco que sei; e isso devo à minha mãe, que se apegou à sua religião e morreu jovem, em grande parte devido às dificuldades da pobreza resultante de tal ato. (CARPENTER, Humphrey, TOLKIEN, Christopher, 2006, p.288).

Muitas pessoas no Brasil e no mundo, de várias idades, crenças e etnias, conheceram a obra “*O Senhor dos Anéis*”, através dos premiados filmes³⁰ cinematográficos, dirigido pelo prestigiado diretor neozelandês Peter Jackson.

²⁸ Para mais informações sobre a amizade de Tolkien e Lewis, a leitora e o leitor poderão encontrar na obra “J.R.R. Tolkien e Lewis – O Dom da Amizade” de Colin Duriez (2018).

²⁹ Um (juntamente com Lewis) dos quais como acentua Carpenter (1992), teve o privilégio de ter contato com os textos do que viria ser “*O Silmarillion*”, assim como outros escritos de seu pai, antes de seus lançamentos.

³⁰ O filme “*O Senhor dos Anéis*” foi gravado em três partes (trilogia), a primeira, intitulado: “*O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel* (2002), a segunda; “*O Senhor dos Anéis: As Duas Torres*” (2002), e a terceira parte; “*O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei*” (2003). Francamente, tratando da obra literária, J.R.R. Tolkien, tinha aversão a trilogia, como é bem evidenciado em uma carta sua de 9 de setembro de 1954: “A desvantagem (inevitável) da publicação em três partes foi mostrada na “falta de uniformidade” que vários leitores perceberam, posto que é verdade caso se acredite que um volume deva sustentar-se por si só.” (CARPENTER, TOLKIEN, 2006, p.308), em outra carta datada do dia 5 de junho de 1955, Tolkien explicita bem seu desgosto à trilogia: “O livro obviamente *não* é uma “trilogia”. Isso e os títulos dos volumes foram um embuste visto como necessário para a publicação, devido ao tamanho e custo. Não há uma divisão real em 3, nem uma parte é inteligível sozinha. A história foi concebida e escrita como um todo e as únicas divisões naturais são os “livros” I-VI (que originalmente possuíam títulos).” (CARPENTER; TOLKIEN, 2006, p.368-369).

2 A TERRA-MÉDIA, SUAS HISTÓRIAS

2.1 O Hobbit

“Numa toca no chão vivia um hobbit. Não uma toca nojenta, suja, úmida, cheia de pontas de minhocas e um cheiro de limo, nem tampouco uma toca seca, vazia, arenosa, sem nenhum lugar onde se sentar ou onde comer: era uma toca de hobbit, e isso significa conforto. (TOLKIEN, 2019, p.27)

O primeiro livro sobre a Terra-média foi “*O Hobbit*”, publicado em 1937, tendo como público alvo as crianças. Conta a história de um pequeno hobbit, Bilbo Bolseiro do Condado, que é instigado a abandonar, por um mago chamado Gandalf o conforto de seu lar, e participar de uma jornada, juntamente com a comitiva de treze anões de Erebor. Uma aventura repleta de perigos, e mesclada com vários seres maléficos como os Orcs, Goblins, Trolls, e o terrível dragão Smaug. Nessa história que por si só, mostra o crescimento do personagem principal, provindo de um povo pacato, para um nobre herói, que, ao retornar vitorioso, chega ao Condado, repleto de tesouros, e um misterioso anel mágico, que tinha encontrado no túnel dos Orcs.

Como imaginava C. S. Lewis, a obra *O Hobbit* seria um sucesso³¹.

2.2 O Senhor dos Anéis

Tolkien aceita o desafio, e durante dezessete anos escreve *O Senhor dos Anéis*, publicado entre 1945 e 1955.

O desenrolar da história começa cinquenta e nove anos depois dos ocorridos de *O Hobbit*, com Frodo Bolseiro, sobrinho de Bilbo, saindo do Condado, levando o Um Anel em segurança, indo em direção de Valfenda – domínio dos Elfos, cujo senhor é Elrond. Bilbo, antes de partir para Valfenda, deixara para ele o anel, bem como o Bolsão. Frodo abandona, assim como fizera seu tio, o Condado, na companhia de outros três hobbits, Sam, Merry e Pippin. No caminho junta-se a eles um estranho, por nome Passolargo alegando ser amigo de Gandalf, que no decorrer da obra, revela-se ser Aragorn o herdeiro de Isildur (aquele que arrancou o anel da mão do próprio Sauron).

³¹ LEWIS, 2018, p.145

Em Valfenda, ocorre o Conselho de Elrond, com a presença dos principais povos da Terra-média, entre eles Elfos, Homens e Anões, que na pauta estava sendo discutido quem levaria o Um Anel, até a forja de onde ele foi feito, de onde ele deveria ser destruído em Mordor. Não chegando a um consenso, Frodo se oferece para levar o Um Anel. Em sua jornada, ele é acompanhado pelo mago Gandalf, o Cinzento; Aragorn; Legolas Verdefolha – um Elfo da Floresta; Gimli – o Anão; Boromir, filho do regente de Gondor, ou seja, um Homem; e a companhia de seus três amigos hobbits.

Devido à grande perseguição, não somente de Sauron e seus Orcs, mas também de Saruman – um mago que se afastou de seu proposito e se aliou ao Senhor do Escuro – a sociedade se desfaz: Gandalf cai no abismo em Moria, após enfrentar o demônio flamejante Balrog (esse espírito Maia corrompido pelo primeiro Senhor do Escuro, Morgoth, que os anões despertaram em sua caçada por tesouros), Boromir morre pelas mãos dos Orcs; Aragorn, Legolas e Gimli, partem em busca de Merry e Pippin, pois eles foram raptados pelos Orcs comandados por Saruman, e por fim, Frodo e Sam, partem em rumo ao destino de Mordor – Mas antes de tudo isso acontecer, a comitiva tinha se recuperado em Lothloriën, do ataque em Moria, onde Gandalf cai no abismo. Lá os hobbits puderam conhecer a Senhora Galadriel, e todos receberam dela alguns presentes, que, de todos, o de maior significado, em sua amplitude, foram os três fios do cabelo de Galadriel à Gimli³².

Em seu caminho Merry e Pippin, encontram-se com Barbárvore (um Ent, cuidador da floresta. Criado pela valië Yavanna – personagem apresentada em *O Silmarillion*). Os dois hobbits ficam sob o cuidado dele, até que chegue ao fim da Batalha do Abismo de Helm. Legolas, Aragorn e Gimli, tem como objetivo reunir as forças dos homens de Rohan; e Theoden, líder desse reino, é libertado por Gandalf, das garras de Saruman, e enquanto isso, Frodo e Sam estão no árduo caminho em direção a terra de Mordor, sendo guiado pela criatura Gollum (a mesma que aparece em *O Hobbit*, onde Bilbo consegue o anel), a chegar até a forja da Montanha da Perdição. Mas Gollum os trai, e os leva até desfiladeiro de Cirith Ungol, lugar que se encontrava a terrível Laracna, um ser maligno com aspecto de aranha, onde os hobbits se

³² Os três fios de cabelo que Galadriel deu para o anão Gimli tem um significado importante, pois remete a uma época distante conforme discorre no *Contos Inacabados*, em que Fëanor, por três vezes pediu um cacho do cabelo de Galadriel, e ela por três vezes negou. Foi através da expressão dos cabelos de Galadriel que continham o brilho das duas árvores Laurelin e Telperion, que deu a Fëanor a ideia de aprisionar e misturar as luzes das arvores, que mais tarde viria ser as Silmarils. Galadriel e Fëanor foram inimigos para sempre.

confrontam com ela. Com a luz de Eärendil – um dos presentes de Galadriel – Sam consegue afugentar a aranha, mas ao ver seu senhor caído, julga que estivesse morto.

Em outra parte está Gandalf e Pippin em direção a Minas Tirith, onde o hobbit, coloca-se a serviço do regente de Gondor, Denethor, pai de Boromir e Faramir. Enquanto Aragorn revela-se a Sauron, através da *palantir*. Prevendo um grande mal, Aragorn, toma o caminho dos mortos, e após esses descobrirem que, Aragorn é o herdeiro de Isildur, tomam caminho e o seguem a fim de libertarem Minas Tirith. Em Rohan o hobbit Merry, é ordenado a ficar com Éowyn, sobrinha de Theoden, em seu reino, enquanto seu tio parte em batalha em direção a Minas Tirith, sendo acompanhado por um misterioso cavaleiro, por nome Dernhelm.

A guerra chega até Osgiliath, capital de Gondor, fazendo com que a cidade já estivesse praticamente dominada pelas falanges de Sauron. Durante batalha Faramir é gravemente ferido por um dos espectros do anel, e Denethor ao ver seu filho caído, enlouquecido, toma uma atitude drástica, ao acender uma pira, e lançando-se sobre ela, juntamente com seu filho ferido, para que ambos morressem queimados, antes de ver Sauron triunfar.

Na batalha dos Campos de Pelennor, Theoden morre, e Dernhelm, o cavaleiro que havia o acompanhado, revela-se ser Éowyn, realizando um grande feito, ao matar o líder dos Nazgûl (espectros do anel – aqueles reis dos Homens que foram entregues os nove anéis, que, em suas ganancias foram corrompidos por Sauron), juntamente com Merry, mas nesse embate ambos ficam gravemente feridos. As hordas de Sauron são derrotadas pelos mortos que vieram juntamente com Aragorn. Em Gondor, Gandalf e Pippin, conseguem resgatar Faramir das chamas, porém Denethor, atormentado por Sauron, retira sua própria vida, encerrando-se assim a linhagem dos regentes de Gondor.

Após os feridos serem restaurados, a comitiva lança-se aos portões de Mordor, com o intuito de chamar a atenção de Sauron, enquanto Frodo e Sam, chegam até a forja, para destruir o Um Anel. Mas a criatura Gollum, no momento em que eles já estavam no domínio de Sauron, se levanta contra eles, mas Sam luta arduamente contra a criatura, enquanto Frodo chega até a Câmara de Fogo. Estando lá, o hobbit se entrega a vontade do Um Anel, tomando-o para si ao colocar em seu dedo. Ocorre a luta contra Gollum, onde este rouba o anel, arrancando o dedo de Frodo, com uma mordida. Em sua alegria por ter conseguido seu Precioso, Gollum desatento, escorrega e cai na chama ardente, levando consigo o Um Anel, e sendo ambos

consumidos pelo fogo da Montanha da Perdição. Nisso, a montanha entra em erupção, e Sauron se levanta como uma grande fumaça, mas para cair e ser dissipado pelo vento. Frodo e Sam são resgatado pelas águias, a pedido de Gandalf.

Aragorn é proclamado rei, e casa-se com a Elfa Arwen – que rejeita a imortalidade de sua raça. Com a coroação de Aragorn, inicia-se os dias do Rei.

Os três hobbits que haviam saído do Condado, regressam a ele, com a visão do Condado todo tomado por Saruman. Mas o intento de Saruman, de matar o portador do anel, é esfacelado, ao ser surpreendido pela traição de Grima, Língua de Cobra, e sendo morto por ele. E o assassino de Saruman acaba morto pelos hobbits.

Os hobbits conseguem restaurar o Condado, sendo prestigiado e conhecidos pelos seus habitantes. No fim da jornada, Frodo, que, com o passar do tempo via sua ferida não curar completamente, zarpa para Oeste, juntamente com seu tio Bilbo, Gandalf, Elrond e Galadriel e o restante dos elfos que estavam exilados, às terras imortais de Valinor, a morada dos Valar e dos Maiar.

2.3 O Silmarillion

O livro “*O Silmarillion*” narra uma coleção de histórias de um passado remoto, (a Primeira e Segunda Era da Terra-média) em um ambiente riquíssimo das mais variadas paisagens, montanhas com seus cumes de neve, florestas, várias raças de povos e também, de lugares onde aconteceram suas guerras, cidades devastadas e fortalezas destruídas – demarcadamente nomeadas, com as várias línguas dos povos que se desenvolveram nas várias regiões.

Através do mito élfico da gênese do mundo, inicia-se a narrativa de “*O Silmarillion*”, na primeira parte de *Ainunlindalë*, contando a criação dos Ainur (seres angelicais, que são intermediários entre Erú e a criação), por Eru.³³ Erú (conhecido entre os elfos como Ilúvatar), propõe temas musicais³⁴ aos Ainur, chamando-os a

³³ “Havia Eru, o único, que em Arda é chamado de Ilúvatar. Ele criou primeiro os Ainur, os Sagrados, gerados por seu pensamento, e eles lhe faziam companhia antes que tudo o mais fosse criado”. (TOLKIEN, 2011, p.3). Muito embora os Ainur, fossem tidos como deuses, eles estavam mais para seres celestiais, pois a mitologia criada por Tolkien, não é politeísta, sendo que, Eru é o Único Deus, e Ilúvatar, como era conhecido entre os elfos, significa “Pai de todos”

³⁴ “E ele lhes falou, propondo-lhes temas musicais; e eles cantaram em sua presença e ele se alegrou. Entretanto, durante muito tempo, eles cantaram cada um sozinho ou apenas alguns juntos, enquanto os outros escutavam, pois cada um compreendia apenas aquela parte da mente de Ilúvatar da qual havia brotado e evoluía devagar na compreensão de seus irmãos. Não obstante, de tanto escutar, chegaram a uma compreensão mais profunda, tornando-se mais consonantes e harmoniosos.” (TOLKIEN, 2011, p.3)

participar da criação. Essa parte é destinada à cosmogonia da Terra-média. A segunda parte é *Valaquenta*, destinado a nos explicar quem são os Ainur: constituídos pelos Valar e Maiar. Desses alguns trajando para si corpos, vem a terra (Arda) e por longas eras, moldam o mundo para a chegada dos Filhos de Ilúvatar. Os Maiar, são o povo dos Valar, sendo da mesma ordem, mas de menor grau, que os auxiliam e participaram da criação. Os Maiar mais conhecidos são: Melian, Gandalf, Saruman e Sauron (antes de ser corrompido, Sauron era maia de Aulë). São os Valar, todos nomeadamente conhecidos: Manwë Sulimo, Senhor do Alento de Arda; Varda, a Inflamadora, Senhora das Estrelas; Ulmo, Senhor das Águas; Aulë, Senhor de todas as substâncias de Arda; Yavanna, A Provedora dos Frutos; Námo, O Guardiã da Casa dos Mortos; Vairë, a Tecelã, aquela que tece todas as coisas que aconteceram no tempo; Irmo, Senhor das Visões e Sonhos; Estë, a gentil, aquela que cura feridas e cansaço; Nienna, experimentada na dor, revestida de tristeza; Tulkas, o Valente; Nessa, Senhora das Danças; Oromë, Domador das Feras e Senhor das Florestas, e, Vaná, A Sempre-jovem, Senhora das Flores. Ainda nessa parte conta-se sobre os Inimigos, entre eles aquele que foi destituído dos Valar, Melkor, que após, ficou conhecido como Morgoth, e seus servos corrompidos: Sauron e os Balrogs (ambos foram espíritos Maiar no passado).

O próximo capítulo *Quenta Silmarillion*, destina-se a contar a trajetória das Silmarils, onde Feänor, engasta as luzes das arvores, que tinham sido mortas por Melkor, em três gemas. Belas joias que trouxeram desgraça para os Elfos, assim como para todos aqueles que tinham como intento tê-las. É contado também, sobre a união de Melian, a Maia, com o Elfo Thingol, e da união desses veio ao mundo Luthien, e de Luthien e Berén, a primeira união entre Elfos e Homens, sendo um precursor para a união de Arwen e Aragorn, em *O Senhor dos Anéis*.

Akalabeth, é o próximo capítulo, que conta a história da queda dos Dunedáin – Uma raça entre os Homens que tinha uma maior expectativa de vida – que, sendo instigado por Sauron, tomam rumo a Oeste para chegarem em Valinor, porém, essa morada era proibida aos mortais. Devido essa ação, Erú faz reverberar as bases da terra e a Ilha de Númenor – morada dos Dunedáin – é afundada, e sua população morta, somente uma pequena parcela sendo salva, e desses salvos, seriam aqueles que dariam continuidade a linhagem do Rei, chegando até Aragorn.

A última parte *Dos Anéis de Poder e da Terceira Era*, conta sobre a saga do Anel, a forjadura do Um Anel por Sauron; a chegada dos *istari*, – magos que vieram

para proteger a Terra-média – entre eles Gandalf, Saruman e Radagast. Conta-se também o início da Terceira Era do mundo.

3 A SITUAÇÃO DA IDADE MÉDIA

É presunçoso demais conceber a ideia de que a Idade Média foi um período em que houve somente estagnação³⁵, que os avanços do Período Clássico se esfacelaram e a autoridade da Igreja Católica suplantou a todos. Muito concebem isso

³⁵ De fato, a Idade Média viveu isso, como nos demonstra Hilário Franco Junior (2001), onde houve uma retração da economia nos séculos IV-X, que se deu pelo retrocesso demográfico, tendo pouca mão de obra, automaticamente acarretando para a diminuição dos rendimentos que por sua vez também diminuiria o crescimento populacional. Porém, Franco Junior aborda o crescimento dos séculos XI-XIII, nos trazendo exemplos substanciais do revigoramento do comércio, assim sendo o pulso forte para uma Revolução Industrial, que se deu nesse período devido ao aumento demográfico e comercial e que foi o causador do desenvolvimento urbano. O florescimento de importantes cidades comerciais como Genova e Veneza; o crescente desenvolvimento da produção, devido ao aumento populacional, bem como na difusão de diferentes técnicas, como o sistema trienal, charrua, força motriz animal, etc. Mas contrapondo todos esses eventos que a Idade Média passou, o pensamento literário ignora tudo isso, como aborda Lewis (2015, p.31) “Isso se deve ao fato de que, por mais que essas coisas sejam importantes para o historiador das ideias, elas dificilmente terão algum efeito em nível literário. O Modelo, no que se refere àqueles elementos que poetas e artistas podem muito bem aproveitar, permaneceu estável.” Lewis, nessa passagem chama de Modelo Medieval – que intitula para realizar seu estudo acerca do imaginário medieval – o caráter livresco do medieval e sua paixão por sistemas, que, nada entrava em conflito, as contradições eram harmonizadas, que os medievais em sua imaginação conseguiram realizar: “Na última fase da antiguidade, muitos escritores (...), estavam de certa forma semiconsciente, compilando e harmonizando visões de origem completamente diversa: construíam um modelo sincrético não apenas de elementos platônicos, aristotélicos e estoicos, mas também de elementos pagãos e cristãos. É este Modelo que a Idade Média adotou e aperfeiçoou (LEWIS, 2015, p.29-30). Nesse interim a espiritualidade estava em constante reformas – Não obstante, como denota André Vauchez (1995) temos que ter em mente que o conceito de espiritualidade, a Idade Média não conheceu, porém, os homens e mulheres desse período conseguiram distinguir entre doutrina e disciplina, em que a primeira reside a “fé sob seu aspecto dogmático e normativo” (VAUCHEZ, 1995, p.7), e a segunda a prática da vida religiosa. Primordialmente palavra *spiritualitas*, que aparecem em textos filosóficos a partir do século XII, não tinha por intuito exclusivamente escritos religiosos, mas tratava “daquilo que é espiritual, independente da matéria” (VAUCHEZ, 1995, p.7). A espiritualidade é um conceito moderno, registrada a partir do século XIX, que caracteriza o interior da vida religiosa, bem como seu desenvolvimento espiritual através de renúncias, conduzindo a uma intimidade com Deus, para partir dessa experiência, depois de ter recebido uma formulação sistemática, passando de um mestre a seus discípulos, apoiados em ensinamentos e textos sagrados, chegando às correntes ou escolas espirituais, que desemboca nas diferenciações entre franciscanos, inicianas, por exemplo. Contudo, essa definição não deve ser utilizada para épocas anteriores ao século XVI. Com isso, podemos salientar que a Idade Média viu um florescer de reformas espirituais importantes como a que ocorreu no século XII, que “foi tão grande este fermento espiritual e alterou-se de tal modo a concepção dos homens quanto a vida cristã e a sua finalidade no mundo, que alguns historiadores da espiritualidade medieval consideram que esta representa uma mudança tão fundamental, profunda e duradora como a Reforma do século XVI. (BOLTON, 1983, p.13-14). Claro, a Igreja respondia a tudo isso, seja na retração, quando das fomes; bem como dos progressos sentidos em fins do século XII e início do século XIII, como aborda Vauchez (1995), onde os padres tratavam com austeridade o progresso; bem como na literatura que nos diz Bolton (1983), que a livre interpretação da Bíblia, tirava as garantias da pureza da liturgia, e a Igreja teria que agir contra isso. Por isso, em 1199 os Valdenses tiveram suas Bíblias queimadas na fogueira; mesmo sendo uma exceção à época, esse exemplo impediria outras tentações, mas que em outros lugares, certamente tiveram. Essas breves correlações nos permitem enxergar o medieval repleto de controvérsias e cheio de mudanças. Algumas que progrediram, e outras que num certo tempo, ao olhar para trás, voltaram para seu ponto de partida, como as beguinhas, mulheres que pregavam de cima de seus púlpitos, com o passar do século sairia de um prestígio até serem esvanecidas pelo tempo, por ação do clero católico, que num certo momento, não poderia mais aceitar esse avanço.

– entre aqueles que a defendem e aqueles que a denigrem – simplesmente no intuito de justificar aquilo que Jérôme Baschet nos diz:

(...) que a Idade Média é balanceada de um extremo a outro, sombrio contraponto dos partidários da modernidade, ingênuo refúgio daqueles a quem o presente moderno horroriza. Existe, de resto, um ponto comum entre a idealização romântica e os sarcasmos modernistas: sendo a Idade Média o inverso do mundo moderno (o que é inegável), a visão que se oferece dela é inteiramente determinada pelo julgamento feito sobre o presente. É assim que uns a exaltam para melhor criticar sua própria realidade, enquanto outros a denigrem para melhor valorizar os progressos de seu tempo. (BASCHET, 2006, p.24).

Ao observarmos essa crítica que o historiador medievalista faz, podemos chegar a um ponto que é tangível, em que ele mesmo nos aponta: A Idade Média não é um buraco negro e nem um paraíso perdido da história Ocidental.

Partindo para longe da cunhagem que os iluministas deram ao período Medieval: de Idade das Trevas; é certo que os homens e mulheres desse período tinham muitas particularidades em comum com as crenças daqueles que não eram considerados antes “civilizados”, como uma resposta ao meio, sobretudo por uma resposta dada pela imaginação. O exemplo que Lewis (2015) ilustra bem é de LaȜamon³⁶, que em certo período entre 1160 e 1027, nos conta em seu poema *Brut*, que o ar é habitado por vários seres, entre bons e maus. De fato, o conteúdo do poema não difere muito da resposta dadas por aqueles que viviam numa comunidade à margem da civilização. Porém, o ponto principal dessa história é diferente. Sua inspiração vai longe.

Seu demônio do ar é tomado do poeta normando Wace (c.1155). Wace o toma da História *Regium Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth (antes de 1139). Geoffrey o toma do *De Deo Socratis*, de Apuleius, do século II. Apuleius reproduz a pneumatologia de Platão. Este modificou a mitologia que recebeu de seus ancestrais em favor dos interesses da ética e do monoteísmo. (LEWIS, 2015, p.22).

Assim, em favor dessa continuidade, podemos chegar até a tradição oral, provinda daqueles “não civilizados”.

³⁶ Primeiro autor britânico de que se tem notícia a ter registrado as histórias do rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda. Influenciou muitos autores de sua época, do Renascimento, como Malory, até da modernidade, como Jorge Luis Borges (LEWIS, 2015, p.21)

As mulheres e os homens do período medieval dependiam dos livros, e não tinham dificuldade em crer no que um *auctour* antigo³⁷ tivesse falado.

Quando falamos de Idade Média como era da autoridade, normalmente pensamos na autoridade da Igreja. Contudo, trata-se de um período não apenas de autoridade da Igreja, mas de autoridades. Se a cultura medieval é considerada uma resposta ao ambiente, então os elementos desse ambiente aos quais ela respondia eram os manuscritos. Todo escritor, sempre que possível, baseava-se em autores anteriores, (isto é,) seguia um *auctour* (...). A Idade Média dependia predominantemente de livros. Embora a alfabetização fosse muito mais rara na época do que agora, a leitura era, de certa forma, o ingrediente mais importante da cultura total. (LEWIS, 2015, p.24).

Os textos herdados pelo ocidente medieval eram bem heterogêneos, desde livros pagãos, judaicos, textos provindos da Grécia clássica, cristãos primitivos, patrísticos, etc³⁸. Muito embora ao ver essa listagem, pode se imaginar o conflito de

³⁷ Devemos ter em mente o que nos conta Guy Halsall (2008) em que os medievais tiveram um papel importante na transmissão da informação contida nas fontes que tiveram contato. Para além dos erros que os escribas cometiam ao copiar um texto, muitos deles não viam nada de errado em introduzir ou omitir aquilo que eles viam como erro ou como material inapropriado para seus leitores, ou em adicionar informações que em sua concepção melhoraria a mensagem da fonte. Um exemplo que ilustra bem, é o que nos traz Lewis (2015), onde os tradutores posteriores, traduziram a Gorgona de Estácio (uma divindade que aparece no quarto livro da Tebaida), em duas variantes: demogorgona e demogorgon, sendo que, a última, encontrou uma apoteose, sendo assim introduzido uma nova divindade “Demogorgon”, que se encontraria nas páginas da literatura de Boccaccio, Spenser, Milton e Shelley.

³⁸ Não podemos deixar passar despercebido a informação que traz o historiador Michael H. Shank (2020), acerca da divulgação científica propagada pelas universidades no período medieval. Segundo o autor, entre 1150 e 1500 muitos europeus tiveram contato com muitos materiais científicos do que qualquer um de seus predecessores. Isso se dá ao fato da propagação rápida dos currículos naturalistas dos cursos de artes liberais das universidades do Ocidente Medieval. E se, numa crítica que muitos fazem ao clero medieval, sob o intuito de impedir o avanço científico, Shank responde que “se a Igreja medieval pretendia inibir a investigação sobre a natureza, deve ter sido completamente impotente, pois falhou completamente no alcance de tal objetivo” (SHANK, 2020, p.46). Pois numa pequena lista, encontramos um amplo estudo para bolsa de pesquisa sobre a natureza durante o período medieval. No final do século XIII, William de Saint-Cloud foi o pioneiro na utilização da câmera obscura para visualizar eclipse solares. No começo do século XIV, Dietrich von Greiberg, um sacerdote dominicano, resolveu o problema sobre o arco-íris primário e secundário. Adentrando o século XIV, Jean Buridan “usou a teoria do impulso para explicar o movimento parabólico, a aceleração em queda livre e até mesmo a continuação da esfera estelar.” (SHANK, 2020, p.45). Jean de Mandeville, foi um dos maiores apoiadores da ideia de que a Terra fosse redonda, e em sua obra escrita nos idos de 1370 “Viagens à terra prometida e ao paraíso terreno além”, sendo a obra mais lida entre os séculos XIV a XVI, conforme Lesley B. Cormack (2020); Mandeville é enfático em declarar que a Terra é redonda e navegável. Assim também Geoffrey Chaucer, em “*The Franklin’s Tale*”, descreve a terra no formato redondo. E por fim, Bacon, declara que a terra é redonda em seu *Opus Maius*, e “Alberto Magno (m. 1280), concordou com os achados de Bacon, e Michael Scot (m. 1234) comparou a Terra, cercada por águas com a gema de um ovo e as esferas do universo com as camadas de uma cebola. (COMARCK, 2020, p.52). Além dos escritos de João Sacrobosco e Pierre d’Ailly, que gozaram de uma notoriedade formidável durante a Idade Média, demonstravam a Terra como um globo, e discutiam sobre sua esfericidade. Influência era tanto, que Pierre d’Ailly, por exemplo, foi lido por Cristóvão Colombo. Lewis (2015) reitera enfaticamente defendendo que os autores principalmente da Alta Idade Média estavam cientes de que a Terra fosse um globo em termos físicos; claro excetos alguns autores, como Isidoro de Sevilha que deu a Terra a forma de uma roda; Snorri Sturluson imaginou a Terra como o disco

ideias que esses variados autores iriam ter, mas surpreendentemente não entravam em conflito, pois a tarefa que os medievais mais sabiam fazer era colocar cada coisa em seu devido lugar.

Em seu traço mais típico, o homem medieval não era nem o sonhador nem o peregrino. Era um organizador, um decodificador, um construtor de sistemas. Queria “um lugar para tudo e tudo no seu lugar”. Distinção, definição tabulação eram seus maiores prazeres. Embora cheio de atividades turbulentas, também estava cheio de motivação para formalizá-las. (...). Não havia nada que o povo gostasse mais, ou fizesse melhor, do que selecionar e ordenar as coisas. (Lewis, C.S. 2015, p.24).

Com isso, encontramos ecos de elementos provindos do Período Clássico distribuídos em vários autores. A obra de Cícero foi a base para o céu, bem como o desprezo pela insignificância da Terra devido seu tamanho, culminou na literatura de Chaucer e Dante³⁹, e assim marcando o medievo. Inclusive o tipo de escrita que os medievais herdaram deve-se a ele. Estácio e Claudiano, entregaram à Idade Média a “Natura”, marcada na literatura de Guillaume de Deguileville⁴⁰ e Chaucer, por exemplo, possibilitando a maior facilidade pelos medievais sobre a natureza – abrindo

mundial ou *heimskringla*, esse último dá o título sua grande saga. Porém, Lewis endossa que “Snorri escreveu no enclave nórdico que representava quase uma cultura separada, rica em gênio nativo, mas distante do legado mediterrâneo” (LEWIS, 2015, p. 140). Mas de qualquer forma, os medievais estavam conscientes da esfericidade da Terra, e o que nós hoje chamamos de gravidade – para os medievais era “inclinação natural” – “era um tema de conhecimento comum” (LEWIS, 2015, p. 141). Assim, esse tema é encontrado na literatura do frade francês Vicente de Beauvais, que define através de uma pergunta, o que aconteceria se cavássemos um buraco de um lado a outro do globo, e nesse buraco soltássemos uma pedra? Ele mesmo responde a pedra permaneceria repousando no centro. Mandeville em sua obra *Viagem e Trabalho*, ensina a inclinação natural de um modo mais ingênua, conforme Lewis (2015), discorrendo que não importa a localidades que os homens habitem na face do globo, pois sempre lhes parecerá que essa habitação é mais certa do que as habitações de outros lugares. Para finalizarmos essa nota, verificamos em Dante, o “primeiro efeito de ficção científica registado na literatura (LEWIS, 2015, p. 141). No *Inferno* (XXXIV), dois viajantes se encontram com Lúcifer, gigante e cabeludo, que habitava exatamente o centro da Terra, e encravado no gelo até a cintura. Porém, o único jeito dos viajantes prosseguirem em sua viagem é descendo pelas laterais de seu corpo, e segurando em seus cabelos, e assim escorregar através do buraco no gelo, até chegar por fim em seus pés. Nesse ponto o efeito da ficção científica entra em cena, pois mesmos aqueles viajantes observando que o gelo está abaixo da cintura de Lúcifer, na realidade ele está acima de seus pés. Assim como Virgílio diz a Dante, os viajantes passaram do ponto onde todos os objetos pesados se movem.

³⁹ Dante Alighieri (1265-1321) é considerado *il sommo poeta* [o poeta supremo]. Sua maior obra, A Divina Comédia, encontra-se entre os maiores clássicos da literatura mundial. (LEWIS, 2015, p.21). Em Dante temos uma concepção de como a Idade Média compreendia o formato da terra, rejeitando as taxações de que nesse período era propagado que a Terra fosse plana. O livro A Divina Comédia faz oposição a isso, como aborda Lesley B. Comarck (2020). Dante muitas vezes em sua obra descreve o mundo como uma esfera, salientando inclusive, que o hemisfério sul é coberto por um vasto oceano.

⁴⁰ Guillaume Deguileville (1295-1358) nasceu na França. Suas maiores obras *Le Pèlerinage de la Vie*, *Le Pèlerinage de l'Âme* e *Le Pèlerinage de Jhesucrist*, são acrósticos, ou seja, a primeira letra de suas estrofes formam uma palavra se lida de cima para baixo. Essa primeira letra é sempre uma letra do nome de Deguileville. (LEWIS, 2015, p.22)

uma ressalva aqui, que, os medievais não acreditavam que a natureza fosse tudo, e nem a maior criação de Deus, colocando-os em oposição aos estoicos. Apuleius⁴¹ será o responsável em mostrar fragmentos desconhecidos de Platão à Idade Média, nutrindo assim os pensadores intelectuais como Santo Agostinho⁴². Apuleius, apresentará dois princípios, o da Tríade, em que se constitui em algo sendo uma ponte para duas coisas em extremidades opostas; e o Princípio da Plenitude que o universo é habitado, ou em outras palavras, aproveitado.

Do último estágio do paganismo ao triunfo da Igreja Católica⁴³, encontramos vários autores que, fizeram suas releituras de autores antigos e contribuíram para o imaginário medieval. Calcidio⁴⁴ mostrou que a matéria está em constante mudança e aperfeiçoamento, frutificando assim nos poetas latinos do século XII, como Jean de Meung⁴⁵. Macróbio difundiu as variantes entre sonhos e virtudes cardeais – demarcadamente embutido na escrita de Chaucer; – trazendo ao ocidente medieval a concepção neoplatônica em uma época predominantemente cristã. Pseudo-Dionísio⁴⁶ é considerado o agente da conhecida “teologia negativa” que adentrou na Europa Medieval. Porém, sua maior contribuição para o imaginário daqueles homens e mulheres, foi a hierarquização angelical, sendo aceito mais tarde pela Igreja Católica. E por fim Boécio⁴⁷ entregou a apologia da Fortuna, defesa da Felicidade e a doutrina Providência e Destino sendo concebida pela Idade Média como o livre-arbítrio.

⁴¹ Apuleius (125-180) foi um escritor que estudou filosofia platonista em Atenas, mas que também era iniciado nos cultos ou mistérios pagãos que conheceu na Itália, Ásia Menor e no Egito, tanto que foi acusado de ter usado magia para alcançar interesses próprios. Sua maior obra (...) é *Metamorfoses*, também chamada de *O Asno de Ouro*, pois conta a história de um personagem que se envolve com magia e acaba se transformando em um asno de ouro. (LEWIS,2015, p.54)

⁴² Segundo as informações do Dicionário da Idade Média (1990), Santo Agostinho (nascido na Itália) foi um bispo de Canterbury. Sob escolha de Gregório I, foi escolhido para levar a conversão ao cristianismo à Inglaterra em 596.

⁴³ Lewis classifica esse período como Período Seminal.

⁴⁴ Calcídio, viveu no século VI, cujo os filósofos e teólogos do século XII estudaram suas obras a luz do cristianismo, principalmente os da escola de Chartre. A religião de Calcídio é questionada, tanto há pontos que favorecem em favor do cristianismo, bem como para o paganismo. Porém, em seu estudo, Lewis (2015) o considera “um cristão que escrevia filosoficamente. O que ele aceitava como matéria de fé era excluído, como matéria de fé, de sua tese.” (2015, p. 64)

⁴⁵ Jean de Meung (ou Meun) (1240-1305) foi um escritor francês que aperfeiçoou o clássico medieval *Roman de la Rose* [Romance da Rosa]. (LEWIS,2015, p.34)

⁴⁶ Na Idade Média, quatro livros (*As Hierarquias Celestes*, *As Hierarquias Eclesiásticas*, *Os Nomes Divinos* e *Teologia Místicas*) foram atribuídos àquele Dionísio que se converteu ao ouvir o discurso de São Paulo no areópago (Atos17,34). Essa atribuição foi desaprovada no século XVI. Acredita-se que o verdadeiro autor tenha vivido na Síria e que tenha escrito essas obras antes de 533, quando foram citadas no Concílio de Constantinopla. Pseudo-Dionísio foi latinizado por João Escoto Erígena, que morreu em 870. (LEWIS, 2015, p.78)

⁴⁷ Boécio (480-524), segundo Lewis (2015) é um dos mais importantes autores do Período Seminal (ver nota 47), onde seu livro *De Consolatione Philosophiae*, foi por séculos o livro mais influente já escrito em latim. Sua obra foi traduzida para várias línguas, entre elas o francês por Jean de Meung e para o

As contribuições para a formulação do Modelo Medieval, através desses autores, que, tendo contato com as obras do Período Clássico, àquelas apresentadas por autores da Antiguidade Tardia, se apropriaram de alguns temas e deram sua contribuição para aquilo que já eram conhecidos, e o que aquela gente já ansiava em ler.

Assim, como uma catedral é construída durante vários séculos, e seus construtores não tiveram contato, devido a limitação natural do tempo, o modelo da Idade Média, foi construído dessa mesma maneira; não com o intuito de inventar algo novo, mas sim, retocar⁴⁸ o existente, para que a visão de um autor antigo, ficasse claro para sua gente.

Nessa vertente, Lewis diz que,

Ficamos tentado a dizer que praticamente a atividade típica do autor medieval era fazer retoques em coisas que já estavam ali; assim como fez Chaucer ao retocar Boccaccio; como fez Melory, ao retocar romances franceses em prosa, que, por sua vez, retocavam romances mais antigos em prosa; como fazem as obras de LaŹamon sobre Wace, que faz uma recomposição de Geoffrey (...). Segue a unidade livro-autor, que é básica para a crítica literária moderna, deva ser muitas vezes abandonada quando se trata de literatura medieval. Alguns livros (...) o trabalho de muitas épocas diferentes está misturado, produzindo um efeito total, de fato, admirável, mas nunca previsto ou pretendido por qualquer um de seus construtores sucessivos. (LEWIS, 2015, p.199-200).

Já que um autor acoplava vários assuntos, que muito embora em nossa visão moderna, poderia parecer irrelevante, para a experiência de um escritor medieval não era. Assim a escrita do poeta de Gawin não era manchada, ao colocar seu personagem em Tróia, simplesmente o que ele estava fazendo, era obedecer ao princípio, já citado acima, de que há um lugar para cada coisa e cada coisa tem seu

inglês pelo monarca inglês Alfredo, o Grande; Chaucer e pela rainha inglesa Elizabeth I. Para Lewis, quem consegue aprender apreciar Boécio, “é quase naturalizar-se medieval” (2015, p.83).

⁴⁸ “Se um pintor fizer alterações numa obra de outro artista que cubra mais ou menos um terço do quadro, estaríamos enganando a nós mesmos se tentássemos, por meio de meras medições, avaliar a contribuição de cada pintor ao efeito total do quadro, pois o trabalho alterado por cada nova pincelada terá afetado por completo as partes remanescentes do original; e sobre essas, por sua vez, cada nova pincelada será afetada. Devemos pensar no resultado total de forma mais química, do que aritmética. É assim que Chaucer retoca Boccaccio. Entretanto, nenhuma linha por mais fielmente que tenha sido traduzida, terá o mesmo efeito que teve na obra do autor italiano, depois de Chaucer ter feito os seus acréscimos. Nenhuma linha daquele aditamento, entretanto, depende do efeito das linhas traduzidas que a precederam e as seguiram. O poema, como o conhecemos agora, não pode ser atribuído a um autor único.” (LEWIS, 2015, p. 200)

lugar devido. Portanto, numa digressão, Gawin é encaixado perfeitamente em Artur, Artur em Brutus, e Brutus na Tróia da história.

Voltemos para o exemplo da Catedral. Quando um escritor, ia se debruçar sobre tal tema, ele simplesmente dava sua contribuição, assim, como fez Apuleius, ao dar ênfase e difundir as ideias platônicas, retocando àquilo que já tinha sido construído, bem como dando sua parte para o todo (a obra), difundido na mentalidade cristã medieval, o Princípio da Tríade. Porém, o alicerce dessa catedral de ideias, estava lá, simplesmente o que Apuleius e outros autores fizeram, foram dar uma visão, conforme seu tempo e orientação, tendo em vista a construção dessa catedral. No limite natural do tempo que separava Apuleius e os medievais, os últimos ao retocar o primeiro conseguiram colocar pontes entre razão e apetite, rei e povo, trabalhando intrinsecamente dentro do princípio da Tríade.

Pois para que os escritores medievais iriam criar uma nova trama de sua própria mente, se tinham a suas disposições excelentes histórias para serem retocadas, tragédias para serem difundidas e aventuras que ao público não eram conhecidas? Lewis (2015) mesmo responde essa indagação. Criar algo novo para os escritores do Ocidente Medieval, era reduzir-se perante a herança histórica que eles tinham contato. Apropriar-se era muito melhor do que criar algo, e assim derivar de um *auctour* antigo, mesmo muitas vezes distanciando do propósito desse *auctour*.

A originalidade que nós temos como sinal de prosperidade poderia parecer a eles uma confissão de pobreza. Porque fazer coisas sozinho, feito solitário Robinson Crusoé, se há riquezas por toda parte, para você se apropriar? (LEWIS, 2015, p. 201-202).

Assim, o modelo que influenciou a mentalidade medieval, bem como escritores modernos, que se embebedaram desse modelo, foi feito com um toque convidativo que estingava a exploração a ciências, filosofia e história. Essas breves correlações entre as obras de escritores medievais com fontes escritas antigas, nos ajudam entender como eles se apropriaram de trechos que fizeram sentido em sua particularidade.

“Inventa no texto outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações.” (CERTEAU, 1998, p. 264 – 265).

E dessa apropriação que autores Chaucer e Malory fizeram, por exemplo, de muitas obras antigas, permitiu aos escritores posteriores apropriarem de obras que transcendia o próprio tempo e escrita do autor, que mesmo sabendo ou não, quando esses novos autores se inspiravam nessas obras, nada menos se inspiravam em textos que há muito tempo escrito foi.

4 A INFLUÊNCIA MEDIEVAL NA LITERATURA DE TOLKIEN

Tolkien fez na medida dos medievais (quando olharam para o mundo antigo). Olhou para Idade Média, e apropriando a sabedoria que lhe era conferida à sua própria voz, imbuído de seu próprio medievalismo, escreveu suas obras. Assim como descreve Jane Chance:

(...) how Tolkien from the beginning responded to his modern contexts by retelling his medieval sources and adapting his medieval scholarship to his own voice. Tolkien was, over time, influenced by his own personal medievalism, his profession as a medievalist, his relationships with other medievalists, and his own mythologizing in constructing his major fiction. (CHANCE, 2003, p. 4).⁴⁹

Assim, não é apropriado dizer o modo como a Idade Média é lida somente por historiadores, mas sim, como ela é lida por outros campos, desde a literatura, músicas, HQ's, produção cinematográfica, etc. Assim aborda a historiadora Daniele Gallindo Gonçalves Silva:

(...) diz respeito ao estudo das mídias e suas narrativas sobre o medievo: toda produção (filme, jogo, série, quadrinho, etc.), que tenha o passado (tanto "real", quanto imaginado) como elemento central, possui – mesmo que não intencionalmente – um caráter naturalmente discursivo. Em outras palavras, e afirmar que uma produção que, aos olhos do público não especialista, seria apenas uma obra ficcional (portanto, que não retrata a realidade), voltada para o entretenimento puro e simples, pode estar repleta de construções discursivas e ideológicas, que, ao serem reveladas, mostram que mesmo uma produção (aparentemente) ingênua, pode oferecer uma análise relevante sobre o tempo presente, sobre os mecanismos de persuasão dos veículos midiáticos, assim como sobre os mais variados dispositivos retóricos. Neste sentido, seria ressaltar a construção histórica como sendo um discurso do presente acerca desse passado (SILVA, 2016, p. 234).

O saber histórico está em vários lugares – pois é multifacetado – está dissolvido em várias nuances, e, portanto, não podemos renegar as outras áreas a construção discursiva e ideológica, e nem selecionar o ambiente universitário como o único detentor do conhecimento histórico:

Outra discussão, importantíssima para a categoria na atual conjuntura, remete a coexistência (não necessariamente harmoniosa) de múltiplos discursos sobre um mesmo objeto, personagem ou acontecimento histórico:

⁴⁹ Tradução: "(...) como Tolkien, desde o início, respondeu aos seus contextos modernos, recontando suas fontes medievais e adaptando sua sabedoria medieval à sua própria voz. Tolkien foi, em algum momento, influenciado por seu próprio medievalismo pessoal, sua profissão de medievalista, suas relações com outros medievalistas e sua própria mitologização na construção de sua maior ficção."

seria de extremo arcaísmo (ou, elitismo) pensar, em pleno século XXI, que os espaços acadêmicos possuem algum tipo de “monopólio” sobre o passado – mais ainda, sobre as tradições ou sobre os fenômenos da memória. (SILVA, 2016, p. 235).

Assim sendo, estaremos livres para poder olhar a obra de Tolkien como uma colcha de retalhos dos mais variados materiais selecionados da tradição clássica, pagã e cristã, traçando com toques de seu convívio tanto na esfera pública como privada, bem como a leitura que Tolkien realizou da Idade Média num traje moderno⁵⁰.

Ciente disso, sabemos que a obra de Tolkien não é uma alegoria, pois ele mesmo tinha aversão a esse tipo de escrita. Então, tentar encontrar um personagem como uma representação de uma figura real, é um tanto perigoso. Porém, mesmo Tolkien negando analogia direta de seus personagens, isso não exclui a possibilidade de encontrarmos personagens e histórias que muito podem ser aplicados a um evento, história ou personagem histórico ou de fantasia. Tolkien, no prefácio de “O Senhor dos Anéis” defende que,

Gosto muito mais de histórias, verdadeiras ou inventadas, com sua aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Acho que muitos confundem “aplicabilidade” com “alegoria”; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor.” (TOLKIEN, 2002, p. XIV).

A “experiência dos leitores” e a “liberdade do leitor”, nos permite conectar alguns personagens e histórias, aos elementos cristão e pagão, já que a vasta leitura de Tolkien fluiu nesses assuntos, que, muitas vezes tão distintos se confluem dentro de sua obra. Por isso, alguns leitores devido sua experiência e liberdade, encontrarão na obra Tolkien, elementos da tradição cristã, como uma narrativa de salvação, e outros leitores, elementos pagãos, elencados no panteão nórdico.⁵¹

Nesse sentido, encontramos várias características de um passado medieval na literatura tolkieniana, principalmente da tradição cristã medieval e do mundo germânico – Já que a relação que Tolkien tinha com as tradições cristãs, principalmente católicas e fontes germânicas são evidentes, e o próprio professor em suas variadas cartas nos traz essa informação. O mundo secundário do professor de Oxford, foi moldado por sua compreensão da literatura medieval, da qual passou sua

⁵⁰ FLIEGER, 2003, p.95

⁵¹ Por exemplo, em seu estudo, Michael W. Maher (2003) relaciona Galadriel à Virgem Maria, enquanto que Leslie A. Donovan (2003) a relaciona às valquírias germânicas.

vida, respondendo e compreendendo os contextos literários cristãos e mitológicos, e assim revitalizando a história da Terra-média e de seus moradores⁵².

A história de Galadriel, por exemplo, dentro da literatura tolkieniana, é de suma importância. Primeiro, ela assim como outras personagens femininas, como Éowyn; Arwen e Melian, ao aparecerem na trama da narrativa, mudam o curso da história, visto que suas ações as caracterizam com heroínas ativas e não apenas passivas aos relacionamentos com os personagens masculinos. Segundo, o número de personagens femininas, se comparados aos personagens masculinos, são menores, porém, sua contribuição para a história, não é de modo algum desproporcional, já que em muitos casos, personagens masculinos recorrem a essas personagens, e suas ações mudam o destino da narrativa. Terceiro, mesmo em menor número, as personagens femininas contribuem para mostrar como Tolkien leu as fontes em que teve contato, assim sendo, é reprovável alegar que Tolkien fosse misógino, como defenderam alguns críticos, pois isso seria desconsiderar que seus textos estão elencados no período medieval, e assim como as mulheres desempenharam poucos papéis centrais nos escritos da Idade Média, assim é refletido em suas obras. Portanto, é inadequado ler as obras tolkienianas com as lentes e métodos para os estudos modernos, mas sendo adequado através de lentes feitas para períodos anteriores, como acentua, Donovan (2003); pois atrás de cada personagem e histórias há uma complexidade literária, mitológica e linguística.

Compreendo um pouco sobre a importância de Galadriel na escrita e no universo de Tolkien, traçamos uma aproximação dela com a Virgem Maria. A princípio é um tanto dificultoso, já que as informações que os *Contos Inacabados* (2017) nos revelam, é de uma Galadriel revoltosa e orgulhosa, que se rebelou contra as vontades dos Valar⁵³, e veio para Terra-média atrás de vingança pelo fratricídio que seu tio Fëanor realizou em Aqualondë. Mas o orgulho não é uma característica da Virgem Maria, e a Idade Média compreendia isso, e muitos comentaristas como de São Tomás

⁵² CHANCE, 2003, p.11

⁵³ Assim aconteceu que, quando se desvaneceu a luz de Valinor, para sempre, como pensavam os noldor, ela [Galadriel] se uniu à rebelião contra os Valar que os mandavam ficar. E, uma vez que pôs os pés nesse caminho, não quis voltar atrás e rejeitou a última mensagem dos Valar, incorrendo, assim, na Condenação de Mandos. Mesmo após o implacável ataque aos teleri e o rapto de seus navios, apesar de ter lutado ferozmente contra Fëanor em defesa da família de sua mãe, ela não recuou. Seu orgulho recusava-se a permitir que retornasse derrotada, suplicante por perdão. Agora, porém, ela ardia com o desejo de seguir Fëanor, irada, a quaisquer terras às quais ele chegasse e de frustrá-lo de todas as maneiras que pudesse. O orgulho ainda a movia quando, ao final dos Dias Antigos, após a derrocada final de Morgoth, ela recusou o perdão dos Valar para todos os que o haviam combatido, e permaneceu na Terra-média. (TOLKIEN, 2017, p.258)

de Aquino, Bernardo de Clairvaux e artistas retratavam a jovem Maria, na Anunciação numa figura iconográfica, como uma mulher submissa de cabeça para baixo e mãos cruzadas. Todavia, esse orgulho e força, que levava Galadriel a ter “sonhos de terras longínquas e domínios que poderiam lhe pertencer, para governá-los como quisesse, sem tutela.” (TOLKIEN, 2017, p. 258), lhe aproxima das visões proféticas bíblicas, que, conectam o trecho do profeta Ezequiel 28:17⁵⁴ à Lúcifer, que orgulhoso foi expulso do Céu por Deus.

Mas traçar a história de Galadriel diretamente com a história de Maria, é um grave erro, já que Tolkien, não aceitava analogias diretas. Numa via média, algo que não pode ser atribuído a Virgem Maria, podem ser relacionados às figuras dos textos germânicos, para construção da história e caráter de Galadriel. Por exemplo, enquanto que a Virgem Maria é descrita nos Evangelhos, textos medievais e iconografias como serva humilde, em Galadriel, a princípio, esse aspecto não se encontra, já que seu aspecto de guerreira pode ser ligado as valquírias germânicas, que são armadas, sacerdotais e poderosas, e que servem como um elo entre as divindades e os mortais, como denota Donovan (2003). Assim Galadriel serve a Frodo e Bilbo de um elo, quando intercede aos Valar, para que os hobbits pudessem viajar em direção às terras imortais, após o fim da jornada em “*O Senhor dos Anéis*” e tendo sua petição aceita. Mas essa diferença a converge para a Anunciação, já que no fim da jornada na Terra-média Galadriel, torna-se submissa a vontade de um bem comum, e ao rejeitar o Um Anel oferecido por Frodo, torna-se pequena e fiel ao propósito, mesmo levando-a perder tudo o que tem. Assim, a rejeição ao poder por Galadriel ocorre em um jardim, assim como a desobediência de Eva contra Deus aconteceu em um jardim. Assim como expressa Maher (2003), as pinturas medievais baseadas na teologia retratavam muitas vezes no mesmo retábulo ou único painel a rejeição de Eva à vontade divina em um jardim e aceitação de Maria em um jardim. Assim, ocorre que ao rejeitar o anel do poder em um jardim, Galadriel nega à sua própria vontade, diminuindo-se até desaparecer “Passei pelo teste – disse ela. – Vou diminuir e me dirigir para o Oeste, continuando a ser Galadriel (TOLKIEN, 2002, p.508). Tolkien não tinha por intuito fazer uma alegoria de Galadriel em Maria, mas sim move-la ao caráter de Maria, que de uma Galadriel orgulhosa, que se rebelou

⁵⁴ Seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor. Por isso eu o atirei à terra; fiz de você um espetáculo para os reis. EZEQUIEL 28:17 – João Ferreira de Almeida, *Nova Versão Internacional*

contra os Valar à sua submissão e reconhecimento de ter que voltar para as terras imortais dos Valar que ficam a Oeste.

Tolkien também estava ciente o que seus leitores encontravam em sua obra. Em uma de suas cartas o professor de Oxford exemplifica:

O último “fato” talvez não possa ser deduzido, embora um crítico (por carta) tenha afirmado que as invocações de Elbereth e o caráter de Galadriel tal como diretamente descrito (ou através das palavras de Gimli e Sam) estavam claramente relacionadas à devoção católica à Maria. Outro viu no pão-de-viagem (*lembas*) = viático e na referência à sua alimentação da vontade (vol. III, p. 213) e por ser mais potente quando em jejum uma derivação da Eucaristia. (CARPENTER, TOLKIEN, 2006, p.479).

Porém, Tolkien, pôde ter retirado os *lembas* das ervas medicinais provindo do Inglês Antigo, *wegbræde* (pão de viagem), como salienta Kisor (2007). Em relação ao caráter de Galadriel à devoção católica à Maria – além dos exemplos formulados acima – pode ser também encontrada na veneração medieval a Virgem da Lítania de Loreto, como evidencia Maher (2002), que era uma ladainha muito popular, que continha quarenta nomes atribuídos a Maria, extraídos de escrituras judaicas e cristãs, de devoções populares e comentários medievais sobre a vida da santa. Mesmo encontrando seu ápice no século XVI, a Lítania de Loreto pôde representar a piedade mariana da Idade Média, que foi uma época de muita devoção aos santos e anjos, já que os fiéis se sentiam impotentes e desamparados perante um Deus-juiz longínquo, que, de tal importância a devoção tinha dentro da piedade católica medieval, que durante os séculos IX e X, como aborda Vauchez (1995), o anjo Miguel, tomou o lugar de Cristo nas igrejas-pórticos, que antes destinavam seu culto ao Filho de Deus.

Como a personagem Galadriel, pode ser compreendida numa via média – entre cristianismo e mitologia germânica – oferecemos agora sua relação com as valquírias. (Nosso propósito não é realizar uma oposição, mas sim que possa ser lido como um complemento que falta na parte cristã, onde a mitologia nórdica nutre; e a parte que falta no mito nórdico que o cristianismo preenche). Em Nórdico Antigo, como denota Leslie A. Donovan (2002), a palavra valquíria, (*valkyria*) significa: determinante para batalha ou escolha dos mortos, que, designa aquelas mulheres semidivinas sob comando de Odin, o lugar como donzela de batalha. Assim como as *dísir* do Nórdico Antigo, as valquírias são caracterizadas como armadas, poderosas e sacerdotais, e são intermediárias entre os homens e a divindade. Além disso, as valquírias entrelaçam-se em relacionamento amoroso com heróis, que, desse relacionamento,

altera-se o curso da história, e sua presença na história é refletida em aspectos masculinos.

Através desse último aspecto pertinente as valquírias, encontramos os ecos na personagem Galadriel, que participara de vários eventos na Terra-média, e seu nome é repetido em várias obras de Tolkien. Em um de seus vários nomes, Galadriel, foi batizada por sua mãe, com o nome Nerwen, que em *Quenya* (uma das variadas línguas da Terra-média), significa “Donzela-homem”, referindo a sua estatura e características físicas:

Seu nome materno era Nerwen (“donzela-homem”), e ela atingiu uma altura além da medida até mesmo das mulheres dos noldor; era forte de corpo, mente e vontade, rivalizando tanto com os sábios quanto com os atletas dos eldar nos dias da juventude destes. (TOLKIEN, 2017, p.257).

No universo de Tolkien, Galadriel é a tradução de Alataríriel (nome atribuído por seu marido Celeborn), para o Sindarin (outro idioma élfico), que significa “Senhora coroada com grinalda radiante”, que, em outros nomes ela é conhecida como Senhora da Luz. Muito embora, o brilho de Galadriel, não seja envolto por sua armadura ou outros diademas, mas sim pela brancura de sua pele e vestido⁵⁵, por seu cabelo dourado, por seus olhos brilhantes, isso a aproxima das figuras valquírias do Inglês Antigo e Nórdico Antigo. Assim, a roupa branca da Senhora, ecoa o “*álptarhamir*” (capas de couro de cisne) das valquírias em *Völundarkviða*. O cabelo dourado de Galadriel, relembra os cabelos das valquírias do *Hrafnsmál* provindo do Nórdico Antigo, que muitas vezes são apresentados como pálidos ou dourados.

Outro aspecto recalcitrante entre Galadriel e as valquírias é os presentes dados à Comitiva em sua despedida a Lothlorien. Um exemplo que se acentua mais o brilho das valquírias, é o presente concedido a Frodo, de um frasco de luz⁵⁶,

E você Portador do Anel – disse ela voltando-se para Frodo. – Dirijo-me a você por último, embora não seja o último em meus pensamentos. Para você, preparei isto. – Ergueu um pequeno frasco de cristal: brilhava quando ela o virava em sua mão, e raios de luz branca emanavam dele. – Este frasco –

⁵⁵ A brancura de seu vestido, como apresenta Maher (2002), pode ser ligada a um dos nomes atribuídos a Virgem Maria na Litania de Lotero: *Turris Eburnea* (Torre de Marfim); pois o nome Galadriel vem da junção de duas palavras hebraicas “gld” e “r'al”, que quando combinadas significam pele lisa ou polida.

⁵⁶ Maher (2002) apresenta outra conexão entre Galadriel e a Litania de Lotero. Um dos nomes atribuído a Maria, é *Stella Matutina* (Estrela da Manhã), pois ela vem como uma mensageira da salvação, preparando o caminho para a chegada de Cristo. Assim, no decorrer da obra de Tolkien, quando Sam se depara com a terrível Larcna, ele utiliza o frasco de luz para afugentar a aranha, evocando assim a Estrela da Manhã de Loreto.

disse ela – contém a luz da estrela de Eärendil, engastada nas águas de minha fonte. Brilhará ainda mais quando a noite cair ao seu redor. Que essa luz ilumine os lugares escuros por onde passar, quando todas as outras luzes se apagarem. (TOLKIEN, 2002. p. 522).

Na literatura nórdica, encontramos a relação de Galadriel com a valquíria Sváva, concedendo ao herói Helgi, uma espada ornamentada descrita como “*varið gulli. Hringr er í hialti*” (adornado com ouro, anelado no punho) (DONOVAN, 2002, p.114). No Inglês Antigo, na obra *Beowulf*, vemos *Wealhtheow*, outra figura associada a valquíria, entregando ao herói ouro forjado, duas alianças e também anéis⁵⁷.

Outro aspecto que coloca a rainha élfica em sintonia com as valquírias, é no compartilhamento de copos em cerimônias importantes. Como a rainha *Wealhtheow*, tendo o intuito de estreitar os laços públicos entre seus filhos e o herói Beowulf, primeiramente leva a taça cerimonial ao seu senhor Hrothgar, depois a Beowulf e depois ao restante dos guerreiros⁵⁸. Em Galadriel encontramos esse eco no episódio da despedida da Comitiva, onde a rainha élfica oferece a bebida primeiramente ao rei, e depois aos heróis:

No momento, Galadriel se levantou do gramado e, tomando uma taça na mão de uma de suas aias, encheu-a com hidromel e a ofereceu a Celeborn. (...). Então, ofereceu uma taça para cada um da Comitiva, e propôs um brinde de boa viagem. (TOLKIEN, 2002, p. 519).

A bebida presente no cerimonial também conecta a personagem de Tolkien as valquírias germânicas. Enquanto a Senhora, oferece a comitiva hidromel, na literatura germânica a rainha Rainha *Wealhtheow*, oferece *win* (vinho), sendo usado no lugar do hidromel ou cerveja que eram as bebidas mais comuns, mas que também, tem as mesmas implicações de rituais específicos.

Citando mais um exemplo final, outro atributo entre a personagem de Tolkien e as valquírias, é a presciência. Assim como valquíria *Skuld*, que tem atributos das *norns* (figuras de profetiza do Nórdico Antigo, que não eram valquírias), Galadriel também tem uma relação com as águas sagradas. Isso é evidente, em seu poço e seu espelho⁵⁹, onde os hobbits Frodo e Sam encontram informações sobre o futuro.

⁵⁷ DONOVAN, 2002, p.114

⁵⁸ DONOVAN, 2002, p.115

⁵⁹ Maher (2002), conecta essa pagassem do espelho de Galadriel a um dos nomes de Maria na Lítania de Loreto. Na Lítania, Maria é anunciada de *Speculum Justitiae* (Espelho da Justiça)

Através da interação de Galadriel com o espelho d'água, encontramos o ritual evocativo de poderes proféticos. Assim Tolkien discorre o momento:

(...). Este é o Espelho de Galadriel – disse ela – Trouxe-os aqui para que possam examiná-los, se quiserem. (...). Posso ordenar ao Espelho que revele muitas coisas – respondeu ela – E para algumas pessoas posso mostrar o que desejam ver. Mas o Espelho revelará fatos que não foram ordenados, e estes são sempre mais estranhos e compensadores do que as coisas que desejamos ver. O que você verá, se permitir que o Espelho trabalhe livremente, não posso dizer. Pois ele revela coisas já passadas, coisas que estão acontecendo, e as coisas que ainda podem acontecer. Mas o que ele vê, nem mesmo o mais sábio pode dizer. (TOLKIEN, 2002, p.501-502).

Após essa apresentação realizada pela Senhora dos *Galadhrim*, os hobbits olham para dentro do espelho, evocando assim o episódio do Ragnarok, onde a valquíria-norna Skuld profetiza ao olhar em seu poço mágico, predizendo o apocalipse nórdico, onde todos os deuses são mortos, e o demônio de fogo Surtr ao incendiar o universo, traz consigo o fim dos tempos.

Por fim, oferecemos outros dois exemplos de personagens de Tolkien relacionadas as figuras valquírias: Vairë e Melian. Na literatura de Tolkien, Vairë, (...) “tece todas as coisas que já existiram no Tempo em suas tapeçarias de histórias (...) (TOLKIEN, 2019, p.55), já Melian “e suas donzelas enchiam os salões com tapeçarias bordadas nas quais podiam ler os feitos dos Valar, e muitas coisas que tinham acontecido em Arda (TOLKIEN, 2019, p.137). Esses dois exemplos, apontam para um ponto das características das valquírias: a tecelagem. No primeiro exemplo, Vairë, reveste os Salões de Mandos, ou seja, a casa dos mortos, com as histórias que aconteciam no decorrer das eras, e, sempre estava aumentando sua tapeceira, já que, os salões ampliavam-se no decurso da história. No segundo, mostra a criação de Menegroth, habitação de Melian na Terra-média, sendo uma Maia que abandonou as Terras Imortais e se entrelaçou com a história dos Elfos, quando de seu relacionamento amoroso com Thingol, mudando para sempre a história. Dessas duas personagens podemos evocar a valquíria *Brynhild*⁶⁰ da saga *Völsunga*, que, adornou uma tapeçaria e bordando com ouro nela os grandes e magníficos feitos que o herói *Sirgurd* realizara. Para além da valquíria, podemos também estender a Galadriel esse atributo de tecer, quando do episódio do Adeus a Lothlórien, onde a Senhora oferece

⁶⁰ Conforme Donovan (2003), esse feito de costura e bordado, por Brynhild, a liga a outras figuras mitológicas do Nórdico Antigo com atributo de profecia, e que teciam em sua tapeçaria o destino de todos os homens: as dísis e norn.

aos heróis os mantos élficos, que servem de proteção, contra os olhos dos inimigos, “pois ela mesma com suas aias teceu esse material” (TOLKIEN, 2002, p.514), e nenhum estranho teve o prazer de utiliza-lo, além do próprio do povo.

Para tanto, mesmo que Tolkien não tivesse em mente essas figuras valquírias, sua imensa leitura de textos e fontes germânicas, muito provavelmente entrou em sua história de modo despercebido, assim como ele mesmo salienta em uma carta de 20 de fevereiro de 1938, onde responde se havia uma conexão entre o roubo da taça realizada por Bilbo com o episódio do roubo de Beowulf, respondendo que *Beowulf* estava entre as fontes valiosas de modo inconsciente para a criação de *O Hobbit*. Através dessa informação podemos ver também, outras apropriações feitas por Tolkien, onde encontramos a influência da luta de Beowulf contra o dragão. Assim, também, nessa mesma carta citada, Tolkien, diz que alguns dos nomes dos anões e do mago, tiveram inspiração na Edda, uma informação bem anterior a de vários trabalhos, que puderam confirmar posteriormente essa conexão.

Kili, Fili se apressaram a pegar suas sacolas e tiraram dela pequenas rabeças; Dori, Nori e Ori tiraram flautas de algum lugar dentro de seus casacos; Bombur veio do salão de entrada com um tambor; Bifur, Bofur também saíram e voltaram com clarinetas que tinham deixado junto com seus bastões de viagem. Dwalin e Balin disseram: “Com licença, deixamos as nossas na estrada!” “Aproveitem e tragam aminha com vocês!” disse Thorin. (TOLKIEN, 2019, p.39).

Desse pequeno trecho extraído de *O Hobbit*, encontramos alguns nomes que se apossaram da residência do hobbit, entre eles: Kili; Fili; Dori; Nori; Ori; Bombur; Bifur; Bofur; Dwalin; Balin e Thorin, ecoando assim a apropriação dos nomes dos anões provindo da Edda Em Prosa que Tolkien realizou:

Nýi e Niði, Norðri, Suðri, Austri, Vestri, Alþjófr, Dvalinn; Nár, Náinn, Nipingr, Dáinn, Bifurr, Baffur, Bömburr; Nóri, Óri, Ónnar, Óinn, Mjödvitnir, Vigg e Gandalfr, Vindálfr, Thorinn, Fili, Kili, Fundinn, Váli; Thrór, Thróinn, Thekk, Litr e Vitr, Nýr, Nýrádr, Rekk, Radsvidr (...) Dóri, (..) (STURLUSON, 2017, p.42-43).

Dessa listagem dos nomes dos primeiros anões encontramos as semelhanças com os de Tolkien: Fili; Kili; Dóri; Óri; Bömbur; Bifurr; Dvalinn e Thorinn. Fora outro nome Gandalfr que é atribuído a um anão na Edda do historiador Sturluson, que em Tolkien, é apropriado ao personagem do mago errante Gandalf, aquele mesmo que instiga Bilbo abandonar o conforto de seu lar, e entrar numa jornada, na obra *O Hobbit*,

que apoia Frodo, quando decide destruir o Um Anel, em *O Senhor dos Anéis*; que, devido sua misericórdia e compaixão, é escolhido pelos Valar, a vim para Terra-média, e se tornar um dos istaris, aqueles que protegeriam o mundo contra qualquer força maléfica em *O Silmarillion*.

Podemos relacionar outras influências germânicas, como o argumento de Boromir, feito a Aragorn, quando seu antepassado Isildur, não teve coragem de destruir o Um Anel, falhando em sua missão, quando da resposta de Aragorn, que é semelhante ao poema do inglês antigo “nu mæg cunnian hwa cene sy, agora podemos saber quem é corajoso” (HOLMES, 2007, p. 52 – 54). E como aborda Christine Chism (2002), o nome Sméagol (nome anterior de Gollum), é derivado do sméagan anglo-saxão, que significa examinar, penetrar, investigar, e o nome Deagol, (descobridor do anel e amigo de Sméagol, que fora morto por ele, após requerer a posse do Anel), significa em anglo-saxão: secreto, mistério, fundo, profundo.

The Seafarer (O Marinheiro), um conto elegíaco em Inglês Antigo, vemos ecoando em *O Senhor dos Anéis*, o tema do Exílio; onde os Elfos trazem a informação a Frodo, de que eles estavam exilados⁶¹ na Terra-média, e que deveriam tomar rumo a Oeste (atravessando o grande mar), afim de regressar ao lugar de onde saíram, trazem consigo a trajetória do Marinheiro do Inglês Antigo, que perambulava pelas ondas do mar, num ambiente invernal e melancólico, afastado de sua terra e de seus parentes, navegando pelos caminho do exílio. Mas Tolkien ao apropriar desse texto, uniu em uma só voz, os elementos pagãos, com a metáfora exegética dos escritos

⁶¹ A História do exílio élfico, remonta a mais antiga das eras da Terra-média, e é contado no *Silmarillion*, que Fëanor, criou as silmarils, onde engastou as luzes das arvores, em três gemas. Porém, essa criação, despertou o interesse de Melkor (que ensinara em seu tempo de reconciliação, muitas coisas aos elfos, exceto a Fëanor que não lhe dava atenção), roubando-a de seu criador. No momento de festividades que ocorria em Valinor, na terra dos imortais, além do mar, com ajuda de Ungoliant, a maior entre todas as aranhas, Melkor matou as duas árvores Laurelin e Telperion, criadas por Yavanna. Com medo de represália, Melkor, já se tinha o nome dado por Fëanor de Morgoth, fugiu e se escondeu na Terra-média. Contrariando a vontade de todos os valar, Fëanor, e seus filhos, realizam um juramento, afim de encontrarem as silmarils. Nem mesmo a Maldição de Mandos, pode parar o intento de Fëanor, que seria sua revelia e de todos que cruzassem o destino de ter uma silmaril. Deixando as terras imortais, ciente que não mais poderia voltar para lá, Fëanor e seus filhos partem em busca de vingança. Realizando um enorme fratricídio em Alqualondë, eles roubam os barcos e devastam a cidade dos teleri, para assim chegarem a Terra-média. Porém, um outro grupo sob comando de Fingolfin (irmão de Fëanor), parte em jornada a pé, pelas terras gélidas do norte. Nesse meio estava aquela que concorria com Fëanor, Galadriel. Todos esses ao abandonarem as terras imortais, foram exilados na Terra-média, e sofrendo sua exaustão. Somente, no final da Primeira Era, com a derrota de Morgoth, os Elfos exilados, são aconselhados a retornarem para o Oeste, não mais para Valinor, mas para a ilha Solitária de Eressëa, afim de ficarem protegidos, pois com essa guerra dos Valar contra Morgoth, uma parte da Terra-média, ficara totalmente destruída.

cristãos⁶² de exílio, que são encontrados em escritos patrísticos, nas elegias latinas cristãs, nas homilias do latim e do Inglês Antigo, onde os seres humanos são peregrinos afastado do Paraíso e de Deus. E Tolkien, ao ser um medievalista e um fervoroso católico, confirmava a temática cristã de exílio em uma carta data de 30 de janeiro de 1945 destinada para seu filho Christopher:

(...) certamente houve um Éden sobre esta própria terra infeliz. Ansiamos todos por ele e estamos constantemente vislumbrando-o: toda nossa natureza no seu maior brilho e na menor das corrupções, no seu caráter mais gentil e mais humano, ainda está embebida com sentimento de “exílio”. (CARPENTER; TOLKIEN, 2006, p.185).

Essas substâncias do poema *The Seafarer* e do Cristianismo, se torna uníssona no texto de *O Senhor dos Anéis*, ao colocar implicações similares, onde os Elfos e o Marinheiro, são instigados a deixarem sua situação exílica, e buscarem pelo Paraíso cristão ou pagão, com o mar fazendo a ponte entre as duas extremidades da vida mortal e a vida eterna.

Com o mar fazendo ponte para as duas narrativas, podemos relacionar o Princípio da Tríade de Apuleius, onde este baseando-se no Timeu de Platão, informa que é “impossível que duas coisas sejam reunidas sem uma terceira. Tem de haver algum elo entre as duas coisas para junta-las.” (LEWIS, 2015, p.56). Disso podemos acrescentar os Valar e os Maiar, que Tolkien, preenche a lacuna com eles, como os intermediários entre Erú (o Deus único) e sua criação. Pois como aponta Lewis, ao estudar o imaginário medieval influenciado por Apuleius:

Deus não pode se encontrar com o homem. Eles só podem encontrar-se indiretamente; é preciso haver algum fio condutor, algum meio, um introdutor, alguma ponte – uma terceira coisa de algum tipo – entre os dois. (LEWIS, C.S. 2015, p.57).

Tolkien, ao basear-se na literatura medieval, foi de certa forma, mesmo que indiretamente, influenciado por esse princípio. Um episódio que exemplifica bem, é a Guerra da Ira, narrada em *O Silmarillion*, onde conta que o marinheiro Earendil, contrariando todas as ordens dos Valar, que impediam o retorno as terras imortais, navega em direção a Oeste, com o intuito de clamar pelo o auxílio dos Poderosos da

⁶² Como aponta Miranda Wilcox (2003), o tema exílio é também um assunto tratado em vários livros da Bíblia, como 2 Coríntios 5: 6 e Hebreus 11:13, e Tolkien, ao ser um cristão devoto, provavelmente teria alguma a proximidade com esses textos.

terra contra Morgoth; e os Valar como intermediários de Erú, recebem o anseio do marinheiro, e na Batalha, Ancalagon, o maior de todos os dragões é morto, e Morgoth é derrotado e “empurrado pela Porta da Noite, para além das muralhas do Mundo, para o Eterno Vazio.” (TOLKIEN, 2012, p.324). Com esse caso, vemos os ecos de Apuleius, na intercessão dos Valar a Erú, afim de auxiliarem, a Terra-média que estava atônita com o triunfo de Morgoth.

Nesses episódios, tanto no mar como ponte para as Terras Imortais ou a ação dos Valar que é refletido em vários cantos de suas obras, vemos Tolkien trabalhando com Platão e os medievais, dando repostas e preenchendo as lacunas, entre Deus e os homens, mortalidade e imortalidade, bem como diluindo o conteúdo cristão, de forma implícita como no caso do exílio élfico, que se inicia em sua obra mais antiga, *O Silmarillion*, e desemboca em *O Senhor dos Anéis*, que reverbera o caminhar dos seres humanos na terra, de sua Queda, ao serem expulsos do Paraíso à sua Ascensão, quando Cristo vem e entra na história, assim, também como o próprio Tolkien diz que acontece nos contos de fadas, ao criar a palavra “*eucatástrofe*”, que designa “the sudden “turn” in fairy-story when victory is plucked from defeat, life is rescued from death, and joy triumphs over sorrow.⁶³” (FLIEGER, 2003, p.35). E essa súbita virada perpassa por suas obras, e a redenção que os elfos experimentaram, como àqueles estrangeiros em busca de seu lar celestial, exemplifica bem o conteúdo cristão nas obras do professor, que numa de suas palestras Tolkien confirma isso:

Eu me arriscaria a dizer que, abordando a História Cristã deste ponto de vista, por muito tempo tive a sensação (uma sensação alegre) de que Deus redimiu as corruptas criaturas-criadoras, os homens, de maneira adequada a esse aspecto da sua estranha natureza, e também a outros. Os Evangelhos contêm um conto de fadas, ou uma história de tipo maior que engloba toda a essência dos contos de fadas. Contêm muitas maravilhas — peculiarmente artísticas, belas e emocionantes, míticas no seu significado perfeito e encerrado em si mesmo; e entre as maravilhas está a maior e mais completa eucatástrofe possível. Mas essa história entrou para a História e o mundo primário; o desejo e a aspiração da subcriação foram elevados ao cumprimento da Criação. O nascimento de Cristo é a eucatástrofe da história do homem. (TOLKIEN, J.R.R. 2013, p.58-59)

⁶³ Tradução: “a súbita “virada” no conto de fadas quando a vitória é retirada da derrota, a vida é resgatada da morte e a alegria triunfa sobre a tristeza.”

5 AS INFLUÊNCIAS NÓRDICAS NAS OBRAS DE TOLKIEN

Uma forte conexão que encontramos entre Tolkien e a Escandinávia⁶⁴, é o panteão dos deuses – que, na literatura tolkieniana, estão mais para seres angélicos. As divindades do mundo nórdico antigo, é diluída, em vários aspectos nos Valar e Maiar.

A Edda, tanto Poética quanto a Em Prosa⁶⁵, são as fontes mais conspícuas da mitologia nórdica, escritas por cristãos que viviam um catolicismo que não diferia do que era praticado em outras partes da Europa Ocidental durante a Alta Idade Média.⁶⁶ Portanto, a escrita da Edda Poética e da Edda Em Prosa, se deve ao avanço tecnológico de composição de manuscrito que o cristianismo trouxe ao Norte da Europa. Assim, a Edda Poética, que no século XVII recebeu a princípio o termo “eddico” equivocadamente pelo bispo Brynjólfur Sveinsson, pois ao ter contato com os manuscritos, encontrou similaridades com então livro escrito por Snorri Sturluson, e, assim imaginou que se tratava de uma outra Edda, escrita em meados do ano 1100, pelo sacerdote Saemund Sigfússon, o Erúdito⁶⁷. Sendo chamada não somente de a Edda de Saemund, mas de a Edda Antiga, por ter sido composta por esse historiador islandês, que viveu um século antes de Sturluson. Mas como informa John Lindow (2019) já faz mais de um século que essa ideia foi descartada, e que Saedmund, foi descartado da autoria, por não ter nenhuma relação na compilação dessa obra, e nem

⁶⁴ Das variadas conexões existentes entre a mitologia nórdica e os escritos de Tolkien, são enormes, e muitos podem encontrar outras conexões em outros mitos e contextos históricos. Muitos estudos, como de Verlyn Flieger (2003), conecta os personagens Aragorn, Frodo e Gollum da obra “O Senhor dos Anéis”; Túrin Turamabar da obra “Os Filhos de Hurin” (aparece também em “O Silmarillion”), com o Homem Selvagem medieval. Segundo Flieger, esses personagens é a pura junção da modernidade de Tolkien, baseada na psicologia, com a medievalidade que ele prezava. Por isso cito dois exemplos. Encontramos o homem selvagem medieval do tipo fora-da-lei, que está fugindo da sociedade, andando errante pelos caminhos, já que é um transgressor da lei, do tipo Robin Hood, uma figura muito conhecida na Idade Média, que, muito bem pode ser transferida para Aragorn, quando era ainda Passolargo, o cavaleiro errante. Outro homem selvagem medieval é o de distúrbio psicológico. Hoje essas pessoas não seriam consideradas selvagens mas eram homens normais, que tiveram algum trauma ou um choque aterrorizador. Assim como Merlin, na obra “A Vida de Merlin” de Geoffrey de Monmouth, que ao descobrir que seus irmãos foram mortos na guerra, enlouquecido, abandona a civilização, e corre solitário na floresta, tendo por companhia somente os animais. Se transferido para a literatura de Tolkien, encontramos a figura Gollum, que ao matar seu amigo, abandona sua casa, parentes, e se torna um selvagem, que ouve vozes. Intensificado pelas descobertas da psicologia, uma preocupação latente do século XX, encontramos um quadro de esquizofrenia em Gollum, já que ele discutia com seu outro “eu”. Em Gollum, a modernidade de Tolkien se junta com as vozes da Idade Média, unindo a esquizofrenia, tema da psicanálise do século XX, com o Homem Selvagem, como Merlin ou Lancelot.

⁶⁵ Nenhum dos poemas contidos nas Eddas, foi atribuído algum autor específico, já que os diferentes poemas foram passados de geração a geração de forma oral.

⁶⁶ LINDOW (2019), p.20

⁶⁷ John Lindow (2019) diz que, não há nenhum manuscrito de autoria Brynjólfur Sveinsson preservado.

que ela seja anterior a obra de Sturluson. Porém, hoje se sabe que o Codex Régius (termo esse por ter sido parte da coleção da Biblioteca Real em Copenhague) da Edda Poética, foi provavelmente composto por volta de 1250.

O primeiro manuscrito do Codex Regius da Edda Poética, é chamado de Völuspá (A Profecia da Vidente), um poema odínico, já que é Odin que dá voz a vidente. O poema contém informações sobre a criação do mundo, os deuses com suas características e o Ragnarok, conhecido como o “crepúsculo dos deuses”.

Já a Edda Em Prosa, obra composta pelo historiador Snorri Sturluson, um poderoso homem de sua época, envolvido na política da Era dos Sturlungar, e assassinado em 1241, não tinha razões para desprezar a fé de seus antepassados, mesmo não compartilhando delas. Porém, como aborda Lotte Hedeager (2008), as informações levantadas por Snorri Sturluson, não podem ser consideradas como um produto da era pré-cristã da Escandinávia, pelo contrário, suas raízes são longas e fixadas no universo pagão tradicional, no final da Idade do Ferro.

Para formulação de sua obra que relata sobre a criação do mundo e dos deuses, Snorri baseou-se no Codex Regius da Edda Poética, principalmente os textos do *Völuspá*, *Völþrúdnismál* e *Grímnismál* serviram de base para o *Gylfaginning*; assim como a poesia escaldica serviu para o construto da narrativa da obra *Ynglinga Saga*, onde não somente segue, mas amplia o texto da *Yngliga tal*, composta pelo *skald*⁶⁸ norueguês Thjóðólf de Hvin; à influência do mais antigo *skald* conhecido, Bragi Boddason o Velho, que Snorri o associa ao lendário viking Ragnar Lodbrók. Além disso, não menos importante que o conteúdo que a poesia escaldica, é sua própria expressão que também aparecerá na escrita de Snorri: a característica estilística dos *Kenningar*.⁶⁹ Além do poema mitológico *Rígsthula*, onde Rig inventa as ordens sociais dos humanos, aparecem no manuscrito da Edda de Snorri.

Também as influências do cristianismo nutrem a obra de Snorri. Diferentemente da reflexão abordada por Hedeager (2008) que defende que as informações levantadas por Snorri podem ser muito bem serem lidas como produto do universo

⁶⁸ Segundo as informações apresentadas por Lindow (2019), um *skald* é um termo para poeta, e suas composições são chamados de escaldicos, sendo preservados em versos individuais não conectados a nenhum poema. Muitos dos mais famosos *skalds* serviram em cortes reais. E em contribuição aos seus serviços reis e governantes poderosos presenteavam os *skalds* com escudos, e se esses escudos fossem decorados com cenas retiradas de narrativas, esses *skalds* poderiam compor um poema descrevendo àquelas cenas como forma de agradecimentos.

⁶⁹ *Kenningar* consistem em uma palavra base (p. ex. árvore) e um modificante (de batalha). O que é uma árvore de batalha? Esta figura de linguagem tem de fato algo enigmático. Por que ele permanece ativo em uma batalha, uma “árvore de batalha” é um guerreiro. (LINDOW, 2019, p.29)

pagão; Lindow (2019), informa que a Edda Em Prosa, é um documento de sua época, a Idade Média cristã. Para exemplificar ele nos traz o exemplo do texto *Skáldskaparmál*, onde Snorri acautela os jovens *skalds* a uma reflexão ao aprender sobre a poesia escáldica: é que os cristãos não devem acreditar nos deuses pagãos e nem lerem literalmente os escritos dessa poesia. Mas através das informações de Headeger e Lindow, podemos verificar que a obra de Snorri, em sua compilação reflete um período anterior a conversão da Islândia, e serve como fonte para estudiosos do período final da Era do Ferro. Porém, ao se tratar de um homem que vivia num ambiente cristão, onde a especulação medieval imputava às crenças dos pagãos a uma religião natural, que por falta de entendimento preencheram a natureza de deuses, em vez de crerem em um único Deus, assim Snorri que escrevia sua obra para um público que já não era mais pagão e sim cristão, apresentando os mitos dos pagãos nórdicos, trazendo as advertências e inspirações daquele catolicismo que era praticado em outras partes da Europa continental.

Desse modo, aproveitando dos avanços tecnológicos de escrita que o cristianismo trouxe aos países nórdicos, Snorri escreve sua Edda, afim de registrar as crenças anteriores à conversão ao cristianismo, salientando, já que seu público não era mais pagão e sim cristão, as advertências ao terem contatos com as fontes de seu trabalho. Portanto, seu trabalho pode ser apresentado como um fruto do período pagão, já que como um autor medieval, não se via distante de sua fonte, mas sim derivando dela. Desta forma Lewis (2015) reforça a abordagem de Headeger (2008). Também, como um autor medieval que escreveu sua obra numa época do triunfo da Igreja Católica, Snorri, defende assim como outros autores (ex. Ari Thorgilsson), que a conversão da Islândia, por exemplo, foi um retorno ao verdadeiro Deus, cuja a religião natural desse povo pagão não compreendia. Portanto, a Edda de Snorri como um documento de sua época, busca a inspiração no universo pagão, a fim de justificar que àqueles nórdicos pagãos eram mais como ovelhas fora do aprisco do que as almas danadas – e assim justificar sua genealogia desde o período pagão.

5.1 Os Mundos Nórdicos

Segundo a tradição das fontes nórdicas, o mundo é dividido em nove reinos, que são unidos pela árvore colossal, chamada Yggdrasil, e esses reinos são habitados por uma variedade de seres mortais e divinos. Segundo as informações da Edda Em Prosa, o primeiro dos reinos é Asgard, o recinto dos deuses, morada dos Aesir, e é governada por Odin e sua esposa Frigg, onde se assentam em soberania em Valhöl (Salão da Carneça), um enorme salão, para onde são enviados os mortos em batalhas, e onde há a eterno hidromel, que jorram de todas as fontes. O que dá a Asgard o termo de recinto, é a muralha incompleta que a envolve, que fora construída por um gigante, e depois de toda trama, como narrado em Gylfaginnig, os deuses descobrem que eram realmente seu construtor, e também Loki, que estava por trás com suas astúcias. O fim do gigante é trágico, ao ser morto por Thor, ao golpeá-lo com o Mjölmir.

Asgard, como atesta o poema éddico Grímnismál⁷⁰, é um lugar repleto de moradas, onde os deuses como Thor que habita em Trúdheim, encontram seu repouso. A Bifröst, a ponte do arco-íris, conecta Asgard a Midgard, o mundo dos seres humanos. Heimdall, como informa Snorri Sturluson, tem sua habitação próximo a ponte, garante ela de ataques de gigantes, e se assenta no final do céu, enxergando a cem léguas de distância, podendo escutar o crescimento da grama na terra. Da planície do campo eterno de Idavöll⁷¹, os deuses em assembleia, discutem sobre o destino dos seres humanos.

Um outro mundo habitado também por deuses é Vanaheimr, habitação dos Vanir, um subgrupo de deuses, que no início dos tempos, conforme o Völuspá, travaram a primeira guerra do mundo contra os Aesir, até serem unificados em uma única categoria de deuses. Os deuses e deusas pertencentes aos Vanir são: Njörd, Frey, Freyja, e possivelmente, Heimdall⁷². Um grupo de seres divinos associados a natureza e fertilidade, cuja as fontes carecem de informações sobre esse mundo, mas sobre seus moradores, é evidenciado tanto no Völuspá, bem como nas escritas de Snorri.

O terceiro mundo tratado nas fontes nórdicas é Midgard (Recinto Central), onde os seres humanos, homens e mulheres, habitam. É conectada diretamente com

⁷⁰ Inclusive muito citado por Sturluson em Gylfaginnig

⁷¹ Referenciado tanto no Völuspa e Gylfaginnig

⁷² LINDOW, John (2019), p.395

Asgard através da Bifröst, e protegida por Thor, do qual tem uma relação intrínseca com seus moradores, como é afirmado no Hárbarðsljóð, em que Thor, afim de proteger a raça humana, mata vários gigantes, e que Snorri, com seus escritos corrobora para essa relação.

O quarto mundo é Jötunheimar, os Mundos dos gigantes, que de seus moradores, os mais conhecidos são os Jötnar. Porém, conforme o plural sugere, eles poderiam habitar em vários lugares, como os trolls, que vivem nas florestas e montanhas de Midgard. Seus moradores, são aqueles que fazem oposição ao recinto dos deuses, e que tem como seu maior opositor, Thor, que faz jus ao seu nome, como especialista em assassinato de gigantes. Ao lado desses, temos o quinto mundo, que é Muspelheim, habitação dos gigantes de fogo, que tem por destaque Surt. Seus habitantes, se referem aqueles seres malignos, que no Ragnarök, levará a eliminação de todos os deuses, que com esses, todo o cosmos que eles criaram, sucumbem, trazendo consigo o fim dos tempos⁷³

O sexto mundo é Álfheimr, a terra dos elfos, mais especificamente, a terra dos elfos-da-luz. Segundo as informações de Snorri, Alfheimr, é a propriedade de Frey, que ele ganhou dos deuses, ainda criança. Diferentemente das outras fontes, Snorri Sturluson, traz uma distinção entre os elfos, informando no Gylfaginning, que há os elfos-da-escuridão, que habitam o subsolo desse mundo. Essa distinção inicial feita pelo historiador islandês, se dá pelo fato, de que, não haveria plausibilidade de colocar Frey, como refém, na guerra- Aesir-Vanir (primeira guerra do mundo), já que, segundo Grimnismál, Álfheimr foi concedida a ele quando criança, no momento em que seus dentes nasciam. Por isso, o relato de Snorri Sturluson, em Gylfaginning, acerca de Álfheimr, difere do Grimnismál.

⁷³ John Lindow (2019), traz uma reflexão importante sobre o Ragnarok nas mentes de alguns cristãos medievais, que não seria somente a derrocada dos deuses, mas todo o ritual, crença e adoração que eram realizados para eles. E um trecho do Voluspá, corrobora para isso, pois menciona a vinda de um 'poderoso, das alturas, aquele que tudo governa'. Esse trecho do Voluspá, que é encontrado num escrito do século XIV, revela que homens e mulheres daquele período acreditavam viver em novo mundo após o Ragnarok, pois a "conversão para o cristianismo parece ter sido imaginada, enquanto ela ocorria, como a luta entre Thor e Cristo. Thor e os deuses seus companheiros deixaram então a história aproximadamente na mesma época em que Cristo adentrou ao Norte, isto é, nos séculos X e XI. (LINDOW, 2019, p.65). Contudo, é importante trazer a abordagem de Lotte Hedeager (2008), que demonstra que a sabedoria pagã não desapareceu por completo após a conversão da Islândia, por exemplo, ao cristianismo católico, pois continuou sendo praticada sob o disfarce de conhecimento esotérico tradicional mesmo às vésperas da Reforma Protestante. Somente após o século XVII, após a consolidação do protestantismo na Islândia e nos demais países nórdicos, que esse conhecimento seria transformado em adoração a Satanás e bruxaria.

Com essas informações levantadas, há o sétimo mundo, chamado de Svartálfheimr, a morada dos elfos-da-escuridão, que, segundo estudiosos, e o texto de Gylfaginning, pode ser referência aos anões. Onde, numa passagem do Gylfaginning, os anões criam uma corrente a pedido dos deuses, para prender o lobo Fenrir.

O oitavo mundo é Niflheim (o mundo da neblina), que “é o antigo submundo, onde Hel tem seu domínio” (LINDOW, 2019, p.305) e o nono Helheimr ou simplesmente Hel, cujo o termo Hel, pode ser atribuído tanto para um lugar ou a uma figura feminina, conforme a Edda Poética e Edda Em Prosa. Segundo, o texto de Gylfaginning, Hel, é a filha de Loki, e foi designada por Odin, afim de governar o reino dos mortos. Nas fontes nórdicas, esse lugar é mencionado várias vezes.

5.2 Os Mundos Tolkienianos

O início do Silmarillion de Tolkien, se dedica à cosmogonia, contando a criação dos os Ainur por Erú, e da criação de Arda pelos Ainur. A criação era uma revelação concebida por Erú aos Ainur, que cada um compreendendo a parte que lhe cabiam, e indo em direção ao Vazio, puderam presenciar o tema musical proposto por Erú se materializar. Muitos dos Ainur descem para o mundo criado, com o intuito de modificá-lo e guarnecê-lo, já que, antes da criação, Melkor, o mais poderoso dos Ainur, começou a criar seu próprio tema, trazendo dissonância ao tema proposto por Erú. Não se submetendo, querendo ser o próprio criador, Melkor, passa a ser aquele que atrapalha a criação do mundo, ao manchá-lo com suas guerras contra os Ainur, que ao trajarem corpos para si, se tornam duas categorias, a saber os Valar e os Maiar. Das guerras desencadeadas dos Ainur contra Melkor, Arda fora modificada várias vezes.

Nos textos tolkienianos, Arda é um único mundo dentro do universo de Eä,⁷⁴ onde ocorre todo o desenrolar da história. Em Arda há três continentes: Aman; Terra-média e a ilha de Númenor.

As terras imortais de Aman, conhecido como “Reino Abençoado”, ficam a oeste de Arda. A princípio, essas terras eram conectadas com a Terra-média, porém, os Valar a ocultaram, dificultando qualquer tipo de viagem para o continente. Neste

⁷⁴Eä é o universo que está Arda, que nesse mundo contém as terras de Aman e a Terra-média

território, habitam os Valar e Maiar, e também os Elfos, que, após despertar na Terra-média, são convidados a morar lá. No centro de Aman, tem o reino de Valinor, feito pelos Valar e Maiar, cuja capital é Valmar. Cada Valar e Maiar tem sua própria habitação dentro desse reino, que, para protegê-lo, foram levantados por eles, a cadeia das montanhas Pelóri. A habitação dos Elfos das famílias dos Noldor, Vanyar e Teleri, dentro desse reino, é Eldamar.

A Terra-média é o grande continente que fica no centro de Arda, que é separada de Aman pelo Grande Mar. Nesse continente, várias raças e povos habitam, desde Elfos, Homens, Anãos, Hobbits, Orcs, Dragões, Ents, etc. A história de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, em sua totalidade, ocorre na Terra-média, onde são travadas várias guerras contra Sauron, servo de Morgoth.

A ilha de Númenor, era habitada pela raça humana, que foi afundada no mar, após a rebelião dos numenorianos contra os Valar. Os numenorianos mesmo sendo uma raça com maior expectativa de vida, com medo da sentença da mortalidade, e instigados por Sauron, partem em busca da imortalidade, indo em direção a Aman. Mas esse reino era proibido para seres mortais, e o castigo para essa desobediência foi o desaparecimento da ilha, sendo engolida pelo mar. Sauron, que a habitava, foi tragado pelas águas, mas seu espírito resistiu.

A geografia de Arda foi modificada várias vezes, desde seu princípio, quando era plana, até se tornar esférica. O seu tempo também passou por vários períodos, desde os Anos das Lâmpadas, que foram colocadas pelos Valar, no extremo sul e norte do grande continente primordial, ao os Anos das Árvores *Laurelin* e *Telperion*⁷⁵, árvores essas que sempre brilhavam nas terras imortais de Aman, que, a partir de morte dessas, sucederam os Anos do Sol e da Lua, que os Valar escolheram a maia Arien⁷⁶, para guiar a nave do Sol e o maia Tilion⁷⁷ para guiar a Lua.

Tolkien, em *O Silmarillion*, não se preocupa em fornecer uma exatidão do tamanho da Terra-média, nem se interessa nos dizer exatamente sobre climas,

⁷⁵ Laurelin e Telperion, árvores criadas por Yavanna Kementári que davam luz a Valinor, e que antecedeu os Anos do Sol e da Lua.

⁷⁶ Poderosa é Arien, que ao abandonar sua forma física e seus trajes, na plenitude de seu poder, guiava o Sol, e Morgoth não conseguiu enganar essa poderosa maia, que é um espírito de fogo aos seus serviços, que após isso, teve medo dela, por não conseguir enfrentá-la. Os Orques não podiam andar sob a luz do dia, devido a potência do poder de Arien, que guarnecia e guiava o Sol.

⁷⁷ Menos poderoso que Arien é Tilion, um bravo caçador do grupo do valar Oromë. Implorou aos Valar que permitisse guiar a Lua, o que lhe foi concedido. Vários intentos Morgoth lançou contra Tilion a fim de atingir a Lua, porém, das várias vezes, Tilion obteve sucesso contra o Senhor do Escuro. Morgoth odiava os novos luzeiros, já que não conseguia destruí-los, diferentemente das Lâmpadas e das Árvores.

biodiversidade dos mares, etc, mesmo que, nos forneça alguns aspectos primordiais dos lugares, que irão fazer parte da história a ser contada.

5.3 Aspectos das habitações da mitologia nórdica n’O Silmarillion

Ao lermos as obras de J.R.R. Tolkien, ao que concerne principalmente a obra “*O Silmarillion*”, encontramos alguns elementos provindo da mitologia nórdica. Podemos conectar Asgard e Valinor. Os dois reinos são lugares onde os “deuses” habitam, e são proibidos para seres mortais. Na mitologia nórdica, apresentado nos escritos de Gylfaginnig, Asgard é protegida pelo muro inacabado, edificado pelo gigante que foi morto por Thor, enquanto que, Valinor é protegida pela cadeia de montanhas Pelóri, levantadas pelos Valar, que guardam a morada dos Poderosos da Terra, contra os ataques de Morgoth. Os deuses no caso de Asgard, e os seres angelicais no caso de Valinor, tem suas moradas em seus respectivos reinos. Assim sendo, enquanto Odin e sua esposa Frigg, governam Asgard, desde Valhöl; o rei dos Valar e Maiar, Manwë, juntamente com sua esposa Varda, governam desde seu palácio na mais alta montanha chamada Taniquetil.

Por fim, outro aspecto que podemos elencar, é entre Midgard e a Terra-média, já que, os seres humanos somente são permitidos nesses dois lugares. No relato do próprio autor J.R.R. Tolkien, quando foi explicar as editoras sua obra, alegou na época que o termo Terra-média veio da inspiração do Hino de Cædmon, retirado da sétima linha do poema – Que no original do poema é: “Middangeard”- (HARPER, 2007, p. 81 – 82). Em ambos os lugares, é onde ocorre a maior parte das tramas, guerras, onde nesse enredo se envolvem várias raças e povos. Dentro da história ocorrida na Terra-média, vemos os ecos dos textos dos poemas Gylfaginning e Canção de Vafþrúðnir servindo de base para o diálogo das charadas entre Bilbo Bolseiro e Gollum, na obra *O Hobbit*.

5.4 A Cosmogonia Nórdica

A princípio os ancestrais dos deuses, Aesir e Vanir, eram inimigos. Porém, com o passar dos tempos, essas duas famílias foram unificadas. Nas fontes escandinavas como aponta Lindow (2019), o termo Aesir era comumente utilizado para designar os deuses, independentemente de qual categoria pertençam; e o termo Áss (singular de

Aesir) era utilizado quase sempre para Thor. Após o fim da guerra entre Aesir-Vanir, podemos considerar como um único povo de seres divinos.

No Gylfaginning, em sua versão, Snorri Sturluson, elabora uma grande lista dos seres divinos, revelando suas características, entre masculinos e femininos. É claro que a temática que o historiador islandês utiliza é do evemerismo⁷⁸, justificando assim que os deuses de outrora, eram homens e mulheres que foram transformados em deidades. Um exemplo é quando Sturluson com o intuito de ligar a origem dos deuses no continente asiático, conecta a palavra Aesir com Ásia.

Os primeiros nomes a serem listados por Snorri no Gylfaginning, são dos deuses masculinos, intensificando suas qualidades, variados nomes, como no caso de Odin⁷⁹ e guerras. A partir da estância 35 os nomes das deusas são listados.

Na estância 20, Gangleri – um nome que Gylf governante das terras que hoje chamamos de Suécia, atribuiu a si quando estava em Asgard – questiona Hárr, um dos três reis de Asgard, que se assentava no trono mais baixo dos reis, sobre quem são os Aesir, onde o primeiro a ser mencionado é Odin, sendo o mais antigo e elevado dos Aesir. Conhecido também como Pai de Todos os deuses, e Pai do Massacre, pois todos os homens que caem em batalhas são seus filhos adotivos, e são recepcionados em Valhala. Nas fontes nórdicas, Odin é apresentado com vários nomes.

Um outro deus, o segundo mencionado por Hárr, na estância 21, é Thor, primeiro filho de Odin, descrito como o mais forte dos Aesir e homens. A arma de Thor é seu martelo Mjöltnir, que todos os gigantes de gelo conhecem, quando o deus do trovão o levanta, e seu Cinturão de Força, que duplica sua força quando Thor aperta em seu corpo. Um terceiro elemento que Thor utiliza são suas Luvas de Ferro, que são imprescindíveis para manusear o Mjönir. Thor é conhecido como o deus do trovão e do fogo; terror dos gigantes e defensor dos deuses e de Midgard, reino dos seres humanos.

O segundo filho de Odin é Baldr, o mais amado por todos os Aesir. Segundo, Snorri Sturluson, Baldr foi morto por seu meio-irmão Höd, enganado por Loki, que entregou a ele uma lança feita de erva-de-passarinho. O material dessa lança foi o

⁷⁸ Lindow (2019) p. 35 – 36

⁷⁹ Snorri Sturluson, na estância 3 do Gylfaginning, elucida que Odin tinha doze nomes: o primeiro era Odin; o segundo era Senhor ou Senhor dos Exércitos; o terceiro era Nikkar, ou Senhor das Lanças; o quarto era Nikudr, ou Batedor; o quinto era Conhecedor de Muitas Coisas; o sexto, Cumpridor de Desejos; o sétimo era Aquele Fala Longe; o oitavo era, O Agitador ou Aquele Que Põe os Exércitos Para Fugir; o nono era o Queimador; o décimo nome era O Destruidor; o décimo primeiro, O Protetor, e por fim o décimo segundo nome era Gelding.

único que não prestou juramento de não causar dano ao filho de Frigg. Assim sendo, o mais belo entre os deuses é ferido e morto.

A próxima deidade mencionada é Njörd, deus que controla o vento, fogo e mar. Ele é invocado com o propósito de trazer terras e dinheiro. Tem sua morada próxima aos oceanos qual governa. Foi utilizado como refém na guerra entre os Vanir e Aesir, onde os primeiros o deram como resgate aos segundos por Heonir.

Na sequência dos deuses nórdicos há o bravo Týr. Týr que teve seu braço mutilado pelo lobo Fenrir, a fim de que fosse preso pelas correntes forjadas pelos anões, já que essa criatura, filho de Loki, crescia e o pavor de seu crescimento assolava os Aesir. Num ato de bravura, Týr sacrifica sua mão direita para que o terrível lobo fosse contido e acorrentado.

Outra deidade importante é Heimdall, o guardião da Bifröst, onde seus olhos penetram todos os reinos. Já citado, o próximo deus é Hödr, o deus cego e assassino de Baldr. Na estância 28 de Gylfaginning, Sturluson, alude o alerta dos deuses, para que Hödr não fosse invocado. Uma característica que ele tem é sua força.

O próximo é Vadan, o deus do silêncio. Na Edda em Prosa, na estância 29 do Gylfaginning, há poucas linhas reservadas para esse deus. O próximo na lista é Váli, deus ousado em batalhas e um excelente arqueiro. E por fim Forseti, filho de Baldr, em que todos recorrem a ele em disputas judiciais, já que tem o melhor julgamento, tanto para homens como para os deuses.

Além desses deuses, Snorri Sturluson, na estância 33 reserva para apresentar o belo e sagaz Loki, o pai da falsidade. Loki é o responsável por colocar em dificuldade os Aesir, que na sequência transmite a eles a solução. Um dos episódios trágicos envolvendo o semeador das trapaças, foi a morte de Baldr. Em sua crueldade, Loki tem três filhos. Na estância 34, Snorri revela quem são eles: o lobo Fenrir, primeiro filho de Loki; seguido da Serpente de Midgard e Hel, a governante do reino dos mortos.

Após a apresentação dos deuses, Snorri, na estância 35 do Gylfaginning, lista as deusas do panteão nórdico, as conhecidas Asynjur. A primeira a ser mencionada é a poderosa Frigg, esposa de Odin. Frigg dentro do panteão é associada à sabedoria e previsão.

A próxima deidade é Sága, mas em sua escrita, o historiador islandês não a exemplifica bem, somente mais tarde, os estudiosos, conforme elucidada Lindow (2019)

a elencarão como um segundo nome para Frigg. A terceira é Eir⁸⁰, tida como a melhor médica. Em quarto está Gelfjon, a virgem, onde as moças que morrem solteiras se tornam suas aias. Fulla, a quinta deusa, a conhecedora dos segredos de Frigg. Na sequência vem Freyja, a Senhora dos Vanir, a bem-nascida e desejo dos gigantes. Freyja é a única deidade feminina citada entre os Vanir. A sétima deusa é Sjöfn⁸¹, que segundo Snorri, é a responsável em converter os pensamentos dos homens e mulheres em amor. Na sequência, a oitava deusa é Lofn, que assim como Sjöfn, é imbuída e preocupada como o amor. Através de Lofn⁸², homens e mulheres podem se dar em casamento. Vár é a deusa que está atenta aos pactos e promessas feitas. Ela também, pune quem quebra algum voto feito. A décima deusa é Vör, quem ninguém pode ocultar nada. A décima primeira é Syn⁸³, aquela que garante as portas, impedindo a entrada daqueles que não devem entrar. Hlín⁸⁴, é a décima segunda, que é “colocada para vigiar aquelas pessoas que Frigg deseja proteger de algum perigo” (LINDOW, 2019, p.230). A décima terceira é Snotra, que segundo Snorri, aqueles homens e mulheres de comportamento moderado é conhecido como “snatr” (sábio). A última deusa listada por Sturluson, é Gná, aquela que monta o cavalo, chamado Hopvarpnir, que anda sobre a água e ar; e que sob pedido de Frigg viaja por diversos mundos com tarefas a realizar.

Na sequência do Gylfaginning, na estância 36, Snorri Sturluson, lista os nomes das conhecidas Valquírias, que, sob comando de Odin, escolhem àqueles homens em batalhas, que devem morrer ou vencer.

5.5 A Cosmogonia d’O Silmarillion

Tolkien estruturou seu mundo divino de uma forma diferente dos nórdicos. Nas páginas reservadas a contar sobre a cosmogonia em “O *Silmarillion*”, encontramos a

⁸⁰ Segundo aponta Lindow (2019), há uma controvérsia envolvendo Eir, a deusa descrita por Snorri, já que ela não tem nenhum papel na mitologia, e além disso, é encontrada na estância 38 do Fjölsvinnsmál, entre os nomes de valquírias e não entre as deusas. Porém, “se nós por acaso deveríamos confiar em Snorri e imaginar a existência de uma deusa Eir, permanece problemático” (LINDOW, 2019, p.135)

⁸¹ Lindow (2019) acentua que muitos estudiosos acreditam que a deusa Sjöfn possa ser Frigg, esposa de Odin, com outro nome.

⁸² Assim, como as outras deusas, alguns estudiosos, conforme Lindow (2019) nos indica, acreditam que Lofne seja outro nome para Frigg.

⁸³ A deusa Syn de um modo é desconhecida, “mas o nome dela aparece nos *thulur* e algumas vezes em kenningar para mulheres na poesia escáldica.” (LINDOW, 2019, p. 362)

⁸⁴ Hlín, segundo Lindow (2019) é outro possível nome para Frigg.

figura de Erú, o deus único acima de todos. Muito embora seja um deus ocioso, que em poucos momentos aparece em ação na narrativa, tudo que ocorre em Arda é de seu querer, de seu pensamento insondável.

No princípio de tudo Erú criou em seu pensamento os Ainur, que foram os ajudadores na criação do mundo. Christopher Tolkien revela na introdução do capítulo da história de “*Beren e Lúthien*”, que dá o nome ao título da obra relançada em 2018; em um livro chamado “O Livro dos Contos Perdidos” – que ainda não tem a tradução para o português – , seu pai Tolkien, estrutura a apresentação dos Valar, da mesma forma que fez Snorri Sturluson, onde um marinheiro Eriol, após navegar tão longe rumo ao Oeste pelo oceano, chega a Tol Eressëa, e assim como ocorre com Gylfi na Edda de Sturluson, ocorre o diálogo entre Eriol e três Elfos. Nesse diálogo ocorre a apresentação dos Valar e das Valier, nominando e numerando eles.

As informações mais conhecidas e que fazem parte do que é chamado cânon do universo tolkieniano, está contido em “*O Silmarillion*”. Nele é revelado que os Valar são constituídos de sete seres, assim como as Valier⁸⁵.

O primeiro vala é Manwë, o rei de Arda. Ele controla os ventos, ar, as nuvens e as águas, da qual sua habitação fica na mais alta montanha das terras imortais. A esposa de Manwë, é Varda, a Inflamadora, a criadora das estrelas, e muito admirada e ovacionada pelos elfos, já que, quando despertaram na Terra-média, a primeira coisa que eles avistaram foram as estrelas criadas por ela. Varda habita juntamente com Manwë, em Teniquetil.

O vala que teve seu pensamento para água é chamado de Ulmo, que de todos foi o mais bem instruído por Erú na música. Ulmo é o único vala que não tem sua residência em Aman, antes habitando nas profundezas do oceano, indo poucas vezes às terras imortais. Ulmo sucede Manwë em poder.

Nas profundezas da terra o pensamento do vala Aulë foi direcionado por Erú. Para ele, Erú entregou o poder do engenho, e seu poder está em fazer e não na coisa feita. Aulë, além de ser um exímio ferreiro, é o criador dos Anões. Os Elfos aprenderam muitas obras de engenho com Aulë, entre eles, Fëanor, que engastou as luzes das árvores Laurelin e Telperion, em três gemas, criando assim as silmarils.

⁸⁵ Chamo atenção para a forma que Tolkien utiliza a classificação de plural e singular. Valar é plural e Vala é singular para os seres masculinos. Valier é plural e Valie é singular para os seres femininos. Porém, a junção dos Valar e Valier é Valar (É a mesma coisa que dizer que quando há um homem e uma mulher são “eles”). Maiar é plural e Maia é singular, que servem tanto para masculino e feminino.

A esposa de Aulë é Yavanna, a criadora de todas as coisas que crescem na terra. Ela se traça como uma mulher com um vestido verde. Porém, há alguns que a tenham visto numa forma de árvore, em que suas raízes alcançavam as águas de Ulmo, e em suas folhas escutavam os ventos de Manwë. Através de seu poderoso cântico, Yavanna, criou as árvores Laurelin e Telperion. Ela é também a criadora dos Ents, os pastores das florestas. Seu segundo nome é Rainha da Terra.

Os irmãos Námo e Irmo, que popularmente são conhecidos pelos lugares onde habitam: Mandos e Lórien, respectivamente; são chamados de Fëanturi, mestres de espíritos. O primeiro é Mandos, o guardião da Casa dos Mortos e Sentenciador dos Valar, onde todos aqueles que foram assassinados são convocados por ele. Seu conhecimento é infundo. Sabe tudo que aconteceu, que acontece e que acontecerá. É impossível sair dos Salões de Mandos. Melkor (Morgoth), ficou aprisionado nesses Salões. Com Mandos, mora sua esposa Vairë, a tecelã, que registra em sua tapeçaria tudo que acontece no decorrer das eras.

O segundo irmão é Lórien, o mestre das visões e dos sonhos. Lórien, tem seu jardim, conhecido como Jardim de Lórien, que são os mais belos de todo o mundo, onde habitam muitos espíritos. Uma das moradoras da terra de Lórien, é a poderosa maia Melian, que cuidava das árvores de Irmo, e que por onde passava, os rouxinóis cantavam a sua volta. Foi ela a primeira preencher o silêncio de Arda com seu canto e os canto de seus pássaros. Mesmo sendo uma maia, Melian, quando já habitava na Terra-média, com seu poder conseguiu derrotar e expulsar de seu reino a poderosa aranha Ungoliant, que estava bem maior e mais forte, após ter sugado as luzes das árvores Laurelin e Telperion. Mas antes disso, os Valar não conseguiram enfrentá-la, pois além de estar mais poderosa por ter sugado e matado as árvores Laurelin e Telperion, e consumido todo o seresteiro de Varda, havia uma imensa escuridão que pairava sobre Ungoliant, onde os cavaleiros dos Valar ficavam cegos e desnorreado, e Tulkas ao adentrar na escuridão ficou preso nas teias negras da terrível aranha. Além disso, Morgoth não conseguiu combater Ungoliant, mesmo com a ajuda de seus servos Balrogs; precisando soltar um terrível grito para que pudesse escapar da aranha, e assim a aranha fugiu e adentrou no reino de Thingol e Melian, e sendo impedida de prosseguir pela poderosa maia⁸⁶.

⁸⁶ Dentro da literatura de Tolkien, como é sabido, os Valar são de um grau superior aos Maiar, sendo os Maiar o povo dos Valar. Todavia, um fato que chama atenção é Melian a Maia. Melian mesmo estando num corpo de uma elfa, que limitava seu poder, conseguiu derrotar e expulsar Ungoliant, e

A esposa de Lórien, é Estë, que se veste de cinza, onde os próprios Valar, vem até ela para sentir alívio e conforto do fardo de Arda. Os dois irmãos têm uma irmã, chamada Nienna, mais poderosa que Estë. Nienna, provada na dor, lamenta pelas dores do mundo, e quem a escuta aprende a compaixão. Ela evita de ir até a capital de Valinor, onde tudo é só alegria, antes se detêm em ir até aos Salões de Mandos, e todos que esperam por Mandos, clamam por ela. Olórin, o maia, ia muito a casa de Nienna, e com ela aprendeu a misericórdia e compaixão, traçando assim seu caráter, quando foi escolhido pelos Valar, a ser um dos Istaris, e se tornar Gandalf.

O vala Tulkas, é o mais forte no corpo, e seus musculosos testificam isso. Tulkas se alegra com a luta corpo a corpo, e não monta cavalo algum, já que prefere correr e é incansável. Seu cabelo e barba são dourados e seu corpo bronzeado. A esposa de Tulkas, é Nessa, que corre com os cervos e os ultrapassa, sendo mais rápida que uma flecha e uma excelente dançarina.

Oromë, é o caçador dos Valar, que caça monstros e terríveis feras. Ele muito ama às árvores, por isso é conhecido como Senhor das Florestas. Foi Oromë que descobriu sobre o despertar dos Elfos na Terra-média. E, por fim, a esposa de Oromë é Vána, a Senhora das Flores, que por seu caminho as flores brotam e os passaros cantam à sua volta. Vána é a irmã mais nova de Yavanna no pensamento de Erú.

5.6 Conexão Entre as Deidades Nórdicas e Tolkienianas

Tolkien foi fortemente influenciado pela mitologia nórdica. Contudo, essa influência não era passiva por parte do professor de Oxford. Tolkien respondia às questões e narrativas, simplificando, respondendo e suavizando, conforme sua

também, com a criação de uma barreira invisível, conhecida como Cinturão de Melian, que somente alguém com um poder maior que Melian poderia destruir; escondeu e protegeu Doriath, já que a guerra chegava constantemente em seu reino. Portanto, tendo o dom da previsão, criou labirintos de desorientação, sabendo que o Cinturão, conseguiria impedir qualquer mal. E assim, Doriath permaneceu em plena paz, longe dos poderes de Morgoth e Sauron, já que nenhum deles conseguiram encontrar e destruir o Cinturão de Melian. Além desses episódios há outros narrados no Silmarillion, como Melian com seu poder enfrentando a feitiçaria de Sauron. Melian repelindo os pensamentos de Morgoth, fazendo com que ele temesse ela. Estando ao lado de Thingol, Melian elevou altura de seu marido, a ponto de se parecer com os Valar. Se Galadriel é tão poderosa, e tem o dom da presciência deve-se a Melian. As canções de encantamentos que Lúthien lançou em Morgoth, fazendo-o adormecer, aprendeu com sua mãe Melian, que era a mais sábia e a mais hábil em canções de encantamento entre os Valar e Maiar. Portanto, somente com esses exemplos citados, podemos observar um ponto interessante na obra de Tolkien, ao quebrar àquela hierarquia de um mais forte e outro mais fraco. Já que Melian, sendo uma Maia, obteve sucesso onde os Valar falharam, e também, enfrentava conscientemente os agentes malignos, como Morgoth, que no passado tinha sido o maior dos Ainur, o destituindo de sua força onipotente, que muitos o transvestiram.

profissão como medievalista, de seu catolicismo intrínseco e de um homem que viveu na era vitoriana.

Por isso, as concepções negativas dos Aesir, já que nenhum deles podem ser caracterizados como seres benevolentes (à exceção é Baldr), foram retirados dos Ainur. Não encontramos na literatura tolkieniana, o prazer pela truculência, tortura e desinteresse pelo compadecimento nos Valar e Maiar. Antes são seres que prezam pela ordem, por amor àquilo que Erú Ilúvatar predestinou.

Assim como é apresentado nas fontes nórdicas, os deuses antes de sua unificação eram divididos em Aesir e Vanir, e sendo semelhantes em poder. Tolkien, apresenta em “*O Silmarillion*” duas distinções entre Valar e Maiar. Sendo que os Valar são de grau superior aos Maiar, que são seu povo e àqueles que os auxiliam; contudo, são espíritos que muitas vezes são tão poderosos quanto os Valar.

Na comparação entre os deuses nórdicos e os seres angelicais tolkienianos, encontramos na esposa de Lórien, Estë, os ecos de Eir. Ambas são ligadas à cura. Enquanto Snorri Sturluson, classifica Eir como a melhor médica; Estë para Tolkien, tem as mesmas correspondências, com poder de aliviar e revigorar as forças de todos que a buscam. Outra interpretação de Tolkien do panteão nórdico, está em Yavanna e Idun. Ambas têm conexões com frutos, sendo que, Idun é a guardiã e doadora de frutos, enquanto que a valie de Tolkien, é conhecida como Yavanna, a Provedora de Frutos. Há uma forte conexão entre as duas, já que representam a fertilidade⁸⁷.

Para os Valar, vemos Tolkien trabalhando com as fontes e apropriando os caracteres de um determinado deus nórdico, e transformando numa distinção binária em seus personagens. Por exemplo, Tulkas, o mais forte dos Valar, que aprecia competições de força, tanto na força quanto na aparência, lembra Thor. Porém, Oromë, também lembra Thor. Assim, como o deus nórdico, Oromë, gosta de caçar e destruir monstros. Nesse exemplo vemos Tolkien dividindo Thor entre duas figuras de seu panteão.

O poderoso Odin também é dividido entre os Valar e Maiar. A primeira ligação que encontramos é em Manwë. Assim como Odin, tem seus corvos que lhes trazem todas as novidades; Manwë, tem seus pássaros, em que as águias têm mais destaques, que trazem todas as informações da Terra-média.

⁸⁷ A deusa Fulla da mitologia, muito embora descrita por Snorri como a conhecedora dos segredos de Friigg, pode muito bem, através da etimologia de seu nome, conforme salienta Lindow (2019), ser relacionada com fertilidade.

Os corvos de Odin:

Dois corvos sentam sobre seus ombros [Odin] e dizem em seu ouvido todas as novidades que eles veem ou ouvem, eles chamados assim: Hugin, ou Pensamento e Muninn, ou Memória. (STURLUSON, 2017, p. 86).

Os pássaros de Manwë:

Pois Manwë, que ama todos os pássaros e a quem eles trazem notícias da Terra-média até Taniquetil, enviara a raça das Águias, com a ordem de que habitassem os penhascos do norte e mantivessem Morgoth sob vigilância, já que Manwë ainda se condoía dos elfos exilados. E as Águias traziam aos ouvidos pesarosos de Manwë notícia de grande parte do que se passava naqueles tempos (TOLKIEN, 2011, p. 133).

Ambos se sentam em poder em seus tronos, já que governam sobre todos os deuses. Porém, o poder de Manwë, comparado ao Pai de Todos, é limitado, já que ele observa a parte que lhe foi conferido por Erú.

Outra conexão existente com Odin é Gandalf. Embora seja um Istari, Gandalf não participa do panteão, porém, antes de se tornar um dos magos que vigiava e guardava a Terra-média, ele era o maia Olórin. Em sua corporificação numa aparência de velho, Gandalf, O Peregrino Cinzento, na linguagem dos Elfos; e Homem do Cajado na linguagem dos Anões, tem as mesmas implicações de Odin, que, frequentemente nas fontes nórdicas é conhecido com um velho com uma barba, que vagueia segurando seu cajado. Tolkien, confirma essa conexão, entre Gandalf e Odin, em uma carta data de 07 de Dezembro de 1946, em que configura Gandalf com um viandante odínico.

Odin monta seu cavalo de oito patas, chamado Sleipnir, assim também, Gandalf monta Shadufax, o cavalo mais rápido da Terra-média, e também o vala Oromë que monta seu cavalo por nome Nahar, que o auxilia em sua caçada.

Por fim, distanciando das benevolências dos Valar, encontramos as características negativas de Odin em Melkor (Morgoth), sendo ambos desencadeadores de guerras cruéis, por exemplo. Indo mais fundo nessa crueldade, encontramos em Morgoth, os traços do deus da trapaça, Loki. Ambos foram expulsos de seus lugares entres divindades. Loki e Melkor se revoltam contra seus respectivos conterrâneos, se tornando seus principais potenciais oponentes. Tom Shippey (2006), em seu estudo, traz a conexão do encadeamento de Melkor pelos Valar, com o de

Loki pelos Aesir. E no fim dos tempos, ambos terão um papel significativo. Morgoth batalhará no apocalipse chamado de Dagor Dagorath, enquanto que Loki e seus exércitos batalharão no Ragnarok.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que possamos compreender a popularidade de Tolkien, necessário reconhecer as aproximações que seu trabalho tem com as línguas e literaturas medievais, às quais se dedicou durante sua vida acadêmica. Portanto, desde sua morte, muitos estudiosos começaram a defender a ideia de que Tolkien estava tentando criar, nas palavras de seu biógrafo Humprey Carpenter (1992), uma mitologia para a Inglaterra⁸⁸, assim criando e abastecendo seu mundo imaginário com suas próprias línguas, culturas, histórias, origem e povos. Assim como expressa Chance (2003), os pesquisadores acreditam que Tolkien obteve êxito, não somente criando idiomas baseados no Inglês Antigo e Médio, mas também no Finlandês, Galês, Nórdico Antigo, e o Antigo Alto e Médio Alemão que proporcionou o desenvolvimento cultural na Grã-Bretanha. O intuito de Tolkien, em criar uma mitologia (nas palavras de Carpenter) em “*O Hobbit*”, “*O Senhor dos Anéis*” e “*O Silmarillion*”, é bem expressa em uma de suas cartas, escrita em 14 de setembro de 1950, e direcionada para Milton Waldman:

Além disso — e aqui espero não soar absurdo —, desde cedo eu era afligido pela pobreza de meu próprio amado país: ele não possuía histórias próprias (relacionadas à sua língua e solo), não da qualidade que eu buscava e encontrei (como um ingrediente) nas lendas de outras terras. Havia gregas, celtas e românicas, germânicas, escandinavas e finlandesas (que muito me influenciou), mas não inglesas, salvo materiais de livros de contos populares empobrecidos. (CARPENTER, TOLKIEN, 2006, p. 242).

Desse modo, Tolkien direcionou sua atenção para a Idade Média, onde encontraria o material essencial para a criação de sua literatura. Portanto, o objetivo desse estudo esteve em verificar as contribuições que a mitologia germânica, principalmente nórdica, trouxe para a elaboração da Terra-média e de seus moradores. Ciente de que não estamos reduzindo a obra de Tolkien somente nessa visão, mas sim dando uma contribuição para a promoção de que mesmo essas semelhanças com o mundo setentrional medieval, não impede um estudo acerca do catolicismo encontrado em sua obra, que pode ser muito bem encontrados em textos e contextos da patrística medieval, teologia e iconografia, tendo uma incorporação da

⁸⁸ CARPENTER, 1992, p.44

cosmogonia e religião, de comentários patrísticos e escolásticos e a representação artística de questões teológicas da que foram realizadas durante a Idade Média.

Em busca das apropriações, foi necessário realizar um pequeno resumo da vida do próprio autor, ciente de que o próprio Tolkien não gostava de se realizasse alegoria em sua literatura, tentando afirmar que tal personagem é a representação de um personagem histórico. Porém, ao lermos suas cartas, editadas por Humphrey Carpenter e Christopher Tolkien, percebemos que muitos leitores de sua obra conectavam alguns elementos, tanto no mundo pagão, quanto no Cristão, e, que, Tolkien respondia fortuitamente a cada um, e não negando sua inspiração provinda de textos medievais, e nem desconectando sua obra de sua fé. E também demonstrar como a Idade Média conseguiu tratar os mais variados materiais que teve contato, para uma audiência que posteriormente seria cristã, e assim compreendendo como a literatura tolkieniana foi elaborada.

Contudo, as referências medievais que deram origem às suas obras, estão muito bem elaboradas durante toda a vida de Tolkien, e ao serem lidas suas biografias, tanto a oficial quanto a não oficial, é evidente que os gosto por histórias de fadas, que nas palavras do próprio Tolkien e Lewis, não era de jeito nenhum uma história exclusiva para criança⁸⁹; seus debates sobre questões de quem veio primeiro, o fenômeno ou o personagem, onde o professor respondia a todos que essa questão não tinha cabimento, pois, leve Thor ao mais longe possível, e ainda sim encontraríamos um personagem reconhecidamente humano, mesmo que tudo cessasse, pois, "(...) sempre haveria um "conto de fadas" enquanto houvesse um Thor. Quando acabasse o conto de fadas, haveria apenas o trovão, que nenhum ouvido humano jamais escutará." (TOLKIEN, 2010, p.35).

⁸⁹ The fact that fairy tales are "a natural human taste" does not necessarily mean, he declared, that this taste is natural to all humans, nor that it is more natural to children than to adults. Since his own taste for fairy-stories had been awakened in young manhood and quickened to full life by war, it followed that what fairy-stories had to offer was adult fare. The bowdlerized fairy tales being offered to children in his own time were sanitized versions with all the gore and mayhem excised. If they had to be edited down for children, it followed that they could hardly have been originally intended for them. (FLIEGER, 2002, p. 33-34) / Tradução: O fato de os contos de fadas serem "um gosto humano natural" não significa necessariamente, declarou ele, que esse gosto é natural para todos os seres humanos, nem que é mais natural para as crianças do que para os adultos. Já que seu próprio gosto por contos de fadas tinha sido despertado na juventude e acelerado a plena vida pela guerra, seguia-se que o que os contos de fadas tinham a oferecer era alimento de adultos. Os contos de fadas extirpados sendo oferecidos às crianças em seu próprio tempo eram versões higienizadas com todo o sangue e o caos extirpados. Se eles tivessem que ser editados para crianças, seguia-se que dificilmente poderiam ter sido originalmente destinados a eles.

Assim também por seu interesse desde cedo pelo Inglês Médio e Antigo, fora as outras línguas germânicas e latinas que iriam o levar para o caminho da filologia; à aproximação e debates com seus colegas de Oxford, sobre textos oriundos da Idade Média, entre eles: *Beowulf*, *Kalevala* e as *Eddas*.

Para tanto, uma importante reflexão necessária, é que a Literatura não tem nenhuma obrigação com o método historiográfico, mas sim com sua própria narrativa. Portanto, chamamos a atenção às obras de Tolkien que, em síntese não representam um período medieval – isso seria desconsiderar as observações que Jane Chance, Humphrey Carpenter, Collin Duriez, de que a literatura de Tolkien mesclava o melhor do período medieval, de seu medievalismo e de sua fé – na realidade diríamos que o escrito se utiliza de elementos provindos da Idade Média, para criar a trama de sua narrativa.

Do mesmo modo como os grandes especialistas antigos tiveram impactos sobre outros grandes especialistas medievais, para a criação intelectual do modelo medieval, assim também Tolkien realizou. Reuniu em sua escrita os elementos dos mais variados materiais selecionados, sejam eles oriundos de pensamentos pagãos ou de autores cristãos, e criou ele próprio um mundo secundário, onde abria as comportadas para uma ampla pluralidade de significados.

A literatura de Tolkien mesmo que aparentemente se apresente como entretenimento transborda incontáveis usos do passado. Desde seus personagens, como já citados, ao uso das linguagens, e no conceito moderno para o construto de seu mundo secundário, bem como os acontecimentos Segunda Guerra Mundial ou os interesses das ciências humanas, desde a Filosofia, Psicologia, Teologia e História.

REFERÊNCIAS

BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América.** São Paulo: Globo, 2006.

BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média.** Lisboa: Edições 70, 1983.

CARPENTER, Humphrey. **The Inklings.** Nova Iorque: Ballantine, 1978.

CARPENTER, Humphrey. **Tolkien: uma biografia.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher. **As Cartas de J.R.R. Tolkien.** Curitiba: Arte e Letra, 2006.

CERTEAU, Michael de. **A Invenção do Cotidiano.** Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHANCE, Jane. Introduction. In: CHANCE, Jane (org). **Tolkien the Medievalist.** Londres: Routledge, 2003.

CLARK, George . J. R. R. Tolkien and the True Hero. In: CLARK G & TIMMO Daniel, J. R. R. **Tolkien and His Literary Resonances: views of Middle-Earth.** Westport: Greenwood Press, 2000.

CORMACK, LESLEY B. Que os cristãos medievais ensinavam que a Terra era plana. In: NUMBER, Ronald L (org). **Terra plana, Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e religião.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

CRISTELLI, Paulo. **J. R. R. Tolkien e a Crítica à Modernidade.** São Paulo: Alameda, 2013.

DONOVAN, Lislle A. The valkyrie reflex in J. R. R. Tolkien's The Lord of the Rings: Galadriel, Shelob, Éowyn, and Arwen. In: CHANCE, Jane (org). **Tolkien the Medievalist.** Londres: Routledge, 2003.

DURIEZ, Colin. J.R.R. **Tolkien e C.S. Lewis – O Dom da Amizade.** Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

FLIEGER, Verlyn. "There would always be a fairy-tale": J. R. R. Tolkien and the folklore controversy. In: CHANCE, Jane (org). **Tolkien the Medievalist**. Londres: Routledge, 2003.

FISHER, Jason. Greek Gods. In: DROUT, Michael. J. R. R. **Tolkien Encyclopedia: scholarship and critical assessment**. Nova York: Routledge, 2007.

GREGGERSEN, Gabriele. (18 de 10 de 2017). Filologia e literatura: Trocando ideias com Tolkien e Lewis. Fonte: editorarevistas.mackenzie.br:
<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/961>

HALSALL, Guy. The sources and their interpretation. In: FOURACRE, Paul (org). **The New Cambridge Medieval History (Volume 1 c.500–c.700)**. New York: Cambridge University Press, 2008.

HARPER, Amelia. Caedmon. In: DROUT, Michael D. **C. J. R. R. Tolkien Encyclopedia: scholarship and critical assessment**. Nova York: Routledge, 2007.

HEDEAGER, Lotte. Scandinavia. In: FOURACRE, Paul (org). **The New Cambridge Medieval History (Volume 1 c.500–c.700)**. New York: Cambridge University Press, 2008.

HOLMES, John R. The Battle of Maldon. In: DROUT, Michael D. **C. J. R. R. Tolkien Encyclopedia: scholarship and critical assessment**. Nova York: Routledge, 2007, p. 52 – 54.

KISOR, Yvette. Lechbook and Herbarium. In: DROUT, Michael D. C. J. R. R. **Tolkien Encyclopedia: scholarship and critical assessment**. Nova York: Routledge, 2007, p. 350.

LEWIS, C. S. **A Imagem Descartada: Para compreender a visão medieval do mundo**. São Paulo: É Realizações, 2015.

LEWIS, C. S. **Sobre Histórias**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

LINDOW, John. **O Livro da Mitologia Nórdica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

LOYON, Henry R. (org). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MAHER, Michael W. **A land without stain**”: medieval images of Mary and their use in the characterization of Galadriel. In: CHANCE, Jane (org) *Tolkien the Medievalist*. Londres: Routledge, 2003.

MIRANDA, Pablo Gomes de. Sobre os Anéis de Poder: um estudo comparativo sobre as relações de poder entre a obra de Tolkien e a mitologia escandinava. História, imagem e narrativa, n° 15. Outubro de 2012 Disponível em: http://www.academia.edu/2971480/Sobre_os_An%C3%A9is_de_Poder_um_estudo_comparativo_sobre_as_rela%C3%A7%C3%B5es_de_poder_entre_a_obra_de_Tolkien_e_a_mitologia_escandinava

SHANK, Michael. H. Que a igreja cristã medieval impediu o avanço da ciência. In: NUMBER, Ronald L (org). **Terra Plana, Galileu Na Prisão e outros mitos sobre ciência e religião**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves. Para uma recepção do Medievo: A Temática Viking no Heavy Metal (1988 – 1990). **Revista de História Comparada** - Programa de Pós-Graduação em História Comparada-UFRJ. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 230-261, 2016.

STURLUSSON, Snorri. **Edda Em Prosa: Gylfaginning e Skádskaparmál**. Belo Horizonte: Bardudânia, 2018.

TOLKIEN, J.R.R. **Contos Inacabados**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

TOLKIEN, J.R.R. **O Hobbit**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TOLKIEN, J.R.R. **O Hobbit**. Rio de Janeiro: Harpen Collins, 2019.

TOLKIEN, J. R.R. **O Senhor dos Anéis (Volume Único)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLKIEN, J. R.R. **O Silmarillion**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

TOLKIEN, J.R.R. **O Silmarillion**. Rio de Janeiro: Harpen Collins, 2019.

TUBBS, Patricia. Juliana. Em M. Drout. **J. R. R. Tolkien encyclopedia: scholarship and critical assessment**. Nova York: Routledge, 2007.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

WHITE, Michel.. J.R.R. **Tolkien, o senhor da fantasia**. Rio de Janeiro: DarkSide, 2017.

WILCOX, Miranda. Exilic imagining in The Seafarer and The Lord of the Rings. In: CHANCE, Jane (org). **Tolkien the Medievalist**. Londres: Routledge, 2003.